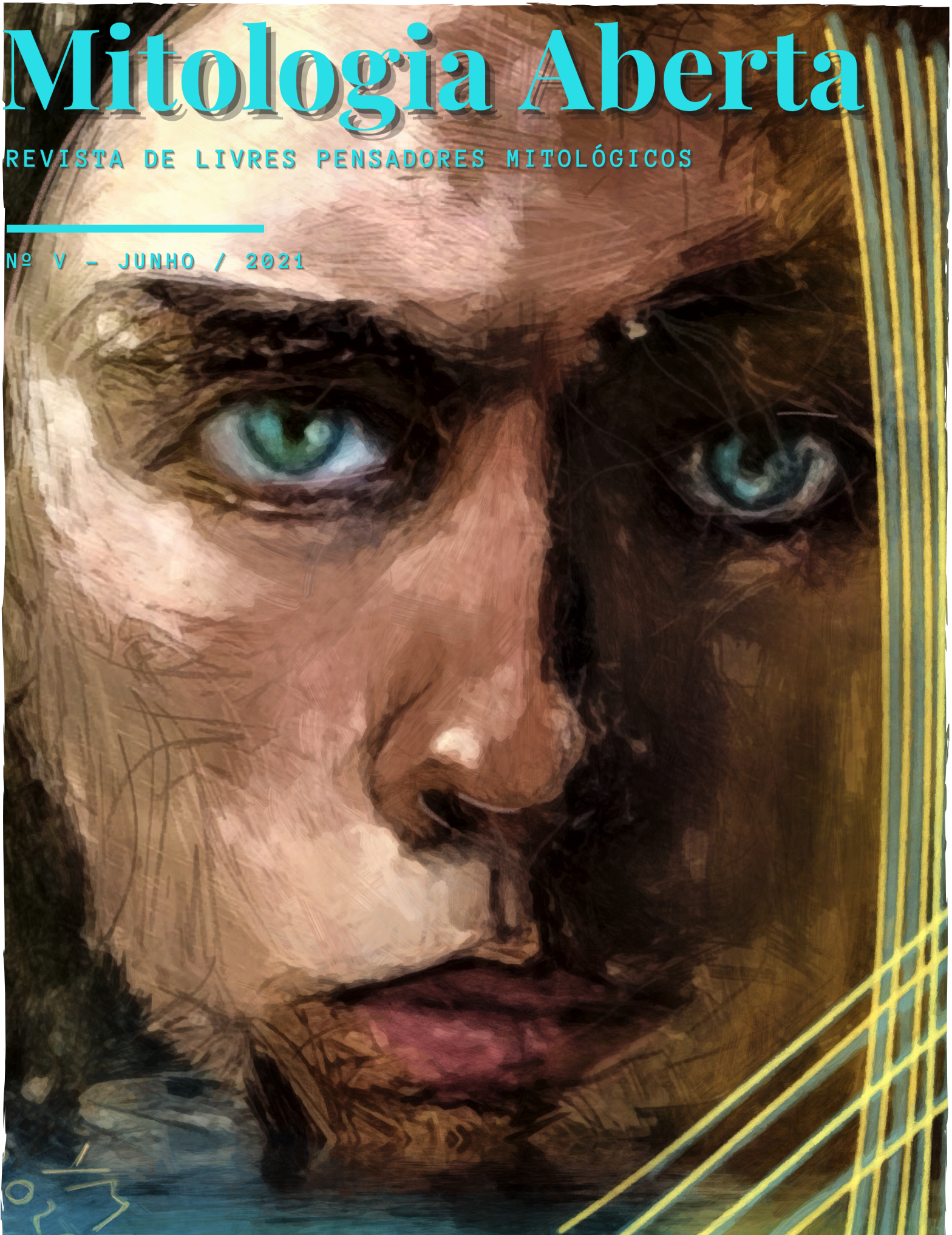


# Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº V - JUNHO / 2021





# SUMÁRIO



- 03 APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
- 06 ILUSTRES ILUSTRADORES;
- 07 PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
- 08 ARTIGO DE CAPA: O LABIRINTO DE ESPELHOS: NARCISO E A PROJEÇÃO
- 14 ARTIGO 01: TEINIAGUÁ: ÂNIMA E ÂNIMUS NA PAMPA BRASILEIRA
- 23 ARTIGO 02: HADES E JOÃO E MARIA: UMA PONTE ENTRE MITOS E CONTOS
- 27 ARTIGO 03: ORFEU & AMOR ALÉM DA VIDA
- 48 ARTIGO 04: UNIVERSO COSMOGÔNICO SUMÉRIO
- 52 ARTIGO 05: MITO, MÚSICA E TRANSFORMAÇÃO: ORFEU CONTINUA DESCENDO AO HADES
- 61 BIBLIOTECA DE THOTH;
- 62 VITROLA DE ORFEU;
- 79 HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;
- 82 ARQUIVOS DE LOKI;
- 84 A NONA ÁRVORE;
- 89 ACADEMIA DE QUÍRON;
- 92 PANTEÃO DE COLABORADORES;
- 98 AGRADECIMENTOS.



# APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Como sempre, os conteúdos da Nossa Revista tem sido muito generosos e por isso, o alcance está ótimo e acontece de modo mágico e cheio de alegria!

Nesta edição, temos um ilustrador suíço que nos brindou com um lindo Narciso na capa. Confesso que fiquei muito hipnotizada quando vi esta arte, então já sabia que a revista teria muito amor.

Como na edição anterior, teremos um artigo de capa, falando sobre Narciso, e eu tive muita alegria em escrevê-lo, pois em cinco volumes, esta é minha segunda colaboração na seção de artigos. Espero que gostem!

Como muitos sabem, os artigos são publicados pela ordem de chegada e, por um acaso amoroso dos deuses do destino, todos os artigos desta edição tem um par, até mesmo um par de irmãos.

Na Bilbioteca de Thoth, temos uma linda dica egípcia; A Vitrola de Orfeu trouxe uma banda que fez décadas de história mitológica e uma banda nacional impactante; Nos Arquivos de Loki trouxemos desta vez uma linda ópera; A Nona Árvore traz um galho da mitologia nacional desta vez e na Academia de Quíron, outros cursos interessantes surgem, além de ouvir mais das Histórias da Vó Tiana (e desta vez, temos uma colaboradora contando sua própria história)!

Abra seu coração para esta linda edição!

Aproveitem!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!  
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!



# GUIA DE SEÇÕES

## ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

## ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

## BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

## VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

## HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias, e aqui, estarão essas histórias que fazem parte da mitologia familiar brasileira



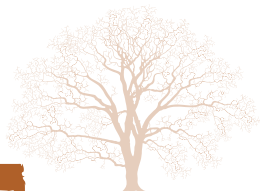
# GUIA DE SEÇÕES

## ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

## A NONA ÁRVORE



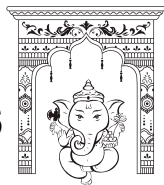
A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

## ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

## PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!



# ILUSTRES ILUSTRADORES



Yves Magnenat é um artista nascido na Suíça, que atualmente vive em Genebra.

Ele é conhecido como "Capitan Yves", pois tem uma grande paixão pelo mar e pela navegação.

Sua pintura digital passa por diversas temáticas, dentre elas, a mitologia. Yves tem inúmeras obras mitológicas, a saber: Le Titan, Chaos, Mépris, Persephone, Danae, Bucéphale, Circé, Sessiphe, Electre, Pocahontas, Tezcatlipoca, Freija, Thetis, Athena, Cronos, Hypolite e claro, a capa da nossa revista, "Narcissus".

Além desta temática, outro tema chama a atenção deste incrível artista: os conflitos que envolvem civis em zonas de guerra. Esta que é uma preocupação da humanidade, aparece em suas obras quando ele pinta zonas de conflitos, crianças sendo salvas, grandes revolucionários, etc. como forma de protesto contra regimes autoritários e guerras sem nexos.

Conheçam a obra de Yves!



Yves Magnenat  
Instagram: @yvesmagn



"Narcissus",  
Arte que ilustra a capa desta edição



# PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua quinta edição, e no mês que se comemora o dia dos namorados no Brasil, temos uma capa apaixonante!

E acreditem ou não, neste mês a temática do "dois" surgiu muito firme e temos duplas em todos os nossos artigos!

No artigo de capa, falo sobre Narciso, essa figura mitológica, enigmática e apaixonante e também sobre o tema da projeção. E aqui temos a primeira dupla: Narciso e Eco ou seu amor por si mesmo.

O primeiro artigo trará Teiniaguá, uma figura muito especial e seus aspectos anímicos. Ânimus e Ânima são as contrapartes masculinas e femininas da psiquê da mulher e do homem, então temos uma segunda dupla aqui.

O segundo artigo traz uma analogia muito interessante sobre o conto João e Maria e o mito de Hades. E aqui temos a terceira dupla, neste caso, de irmãos.

Já o terceiro artigo traz uma das histórias de amor mais envolventes que já existiu, a de Orfeu (sim, o dono da nossa Vitrola!), em busca do Amor Além da Vida, em uma comparação belíssima com o filme de mesmo nome.

O quarto artigo traz a dupla da criação do universo sumério: o deus Céu e a deusa da Terra! Mas como nem tudo poderia ser perfeito, há alguém para os separar!

Para finalizar, o quinto artigo terá uma forte relação como terceiro artigo, pois trará novamente o tema de Orfeu, mas desta vez, de uma forma bem musical.

Então, como bons amantes da mitologia, que tal nos apaixonarmos por essas histórias?

Boa leitura!  
Larissa Dias

# O LABIRINTO DE ESPELHOS: NARCISO E A PROJEÇÃO

POR LARISSA DIAS

Um olhar hipnótico, sedutor, capaz de tomar completamente sua atenção. De repente, não se consegue apenas olhar, começa-se a desejar, a estar preso e a querer, com uma tamanha vontade, desejo, que gera uma dor capaz de entrar nos músculos e ferir mais do que a carne. Parece ser capaz de ferir a alma!

Sim, Narciso... Esse belo ser mitológico que tantas vezes já ouvimos falar, cujo enigma pode ser tão profundo, como se fosse uma ferida interna, ainda presa no fundo de um lago espelhado.

E, falando em espelhos, uma boa analogia com o mito é um labirinto de espelhos, que existia em muitas “Casa do Terror” em parques de diversões, por exemplo. Lembro-me de uma vez que entrei em um deles.

A primeira coisa que vemos em um labirinto assim são diversos lados nossos refletidos. Ângulos diferentes, alguns dos quais nunca percebemos antes. Mas o labirinto, neste caso, também pode ser uma prisão, pois quando procuramos e não encontramos a saída, começamos a nos desesperar, pois para todo lado que olhamos vemos apenas um de nós, a nossa própria imagem refletida. E é porque a nossa imagem está refletida, ou seja, projetada naquelas paredes espelhadas, que não conseguimos ver mais nada, muito menos a saída daquela situação.

Narciso é um símbolo maravilhoso do que representa as nossas projeções. Jung (2013) diz que a projeção é um fenômeno que ocorre quando identificamos no outro algo que para nós está ainda de forma in-



consciente, ou seja, não temos consciência de que aquilo, de alguma forma, é nosso, pois não temos acesso a esse conteúdo interno.

Deste modo, podemos projetar nosso conteúdo interno em muitas pessoas. Fazemos isso com nossos companheiros, nossas amigas e nossos relacionamentos de forma geral. E também fazemos isso com nossos ídolos. O fenômeno da projeção é vasto, pois abarca diversas situações nas quais temos a necessidade de nos refletir no outro, como se fôssemos um espelho, que ao mesmo tempo que reflete, é refletido.

Como esse não é um tema de simples abordagem, vamos usar da mitologia, essa arte maravilhosa de contar histórias, para tentar compreender um pouco do que representa a projeção.

Antes de entrarmos de fato no mito de Narciso, segundo Brandão (2009), o nome Narciso não é uma palavra grega, mas uma palavra que vem do Mediterrâneo, cuja etimologia traz significados como “entorpecimento, torpor”. Posteriormente, se relacionou à flor de Narciso, além de ser base para palavras como “narcótico”,

cujo significado remete à entorpecimento.

Além disso, o mesmo autor traz mais alguns dados interessantes sobre a flor de Narciso: ela é venenosa e também era a flor que Perséfone, filha da deusa grega da fertilidade Deméter, colhia quando foi raptada por Hades e levada para o submundo.

Diante disto, podemos começar a refletir sobre algumas questões: a primeira é o símbolo do sono, pois conforme Brandão (2009), era costume plantar Narciso nos túmulos, pois a flor remetia ao sono da morte. Por ser venenosa, ela era considerada perigosa, e quanto mais nos aproximamos de algo perigoso, mais nos aproximamos da morte.

Tanto o sono quanto a morte são fenômenos que atuam quando estamos “de olhos fechados”. Ou seja, não estamos enxergando de forma consciente o que a realidade expressa, mas vendo algo sob um véu ilusório. Isso representa que, quando olhamos para o outro projetando nele as nossas questões internas, não estamos vendo realmente o outro, mas olhando algo de dentro de nós,

com os olhos fechados para o mundo externo e, conseqüentemente, para o que o outro de fato possa representar.

Mas agora, vamos para a história! A versão abaixo do mito de Narciso é da tradução feita por Junito Brandão (2009), nas minhas palavras:

*Narciso nasceu da união do rio Céfiso com a ninfa Liríope. Ele nasceu muito belo, uma beleza fora do comum, que assustou a todos, porque Narciso era tão belo (ou mais) do que os deuses. A mãe, aflita com a possibilidade da beleza do filho ofender aos deuses, consultou o sábio Tirésias para saber se ele viveria muitos anos, e Tirésias disse que sim, se ele não se visse.*

*Durante sua vida, inúmeras mulheres se apaixonavam por ele, mas ele permanecia insensível. Entre todas, a ninfa Eco também o amava. Eco era uma ninfa que adorava falar e falar e Zeus a incumbiu de distrair Hera para que ele saísse da prisão que ela havia lhe colocado, desconfiada de suas inúmeras visitas à Terra. Mas Hera desconfiou e condenou Eco a nunca mais falar, apenas repetir os últimos sons das palavras que ouvisse.*

*Em uma caçada de verão, Narciso foi seguido por Eco, ela sempre tomando todos os cuidados para que ele não a visse. Em algum momento, Narciso falou com Eco, mas o que houve foi um diálogo onde Narciso falava e Eco repetia:*

*Perguntou: “quem está aí?”. E ouviu: “Alguém aí?” Então, ele gritou novamente: “Por que foges de mim?”. E ouviu “foges de mim”. Até dizer “Juntemo-nos aqui” e ter como resposta “juntemo-nos aqui”. Eco, ao ver Narciso ir embora por ter ficado nervoso com o diálogo, se transformou em uma rocha, que ficaria para sempre naquela caverna, repetindo sempre as palavras que ouviria.*

*Quanto a Narciso, ficou desesperado, pois não conseguia encontrar-se com quem lhe respondia. Sedento, se aproximou de um lago e ao se debruçar sobre as doces águas, se apaixonou por sua própria beleza refletida ali. Ele, então, tentou buscar no fundo do rio quem era aquele ser tão belo e achou que as respostas que recebia de Eco eram na verdade, daquele belo rapaz. Afundou nas águas, de onde depois, surgiu a flor de Narciso.*



Se pensarmos nos relacionamentos, identificaremos que este é um campo comum de ocorrer esse fenômeno da projeção, exemplificada por Narciso (Benedito, 2015).

Conforme mencionado, não vemos realmente o outro, apenas um lado nosso. Muitas vezes, nos apaixonamos por esse lado (lago?), desejando mergulhar em suas profundas águas. Por isso dizem que todo começo de relacionamento é bom: a projeção está límpida no labirinto do espelho das águas. Quando algo perturba essa projeção, uma pedrinha (vinda talvez dos vestígios de Eco, lembrem? Ela virou uma rocha!), produz um certo efeito gradiente no espelho das águas, cuja superfície perfeita começa a desaparecer.

A adoração de algo maior, como uma divindade por exemplo, está direcionada para algo arquetípico, que tem um potencial praticamente ilimitado. Porém, quando essa adoração é direcionada a outro ser humano, de carne e osso, como nós, acaba-se gerando uma certa “cerca limitante”, uma vez que nosso potencial evolutivo depende da soma daquilo que nosso mundo interno já tem, mais aquilo que apreendemos do

mundo externo. Narciso, embora muito belo, era mortal, e por isso a adoração que Eco tinha por ele a levou a ficar presa ao mundo concreto, simbolizado pela rocha.

Se a psique se voltar apenas para uma pessoa, toda a energia psíquica do adorador é direcionada para ela. Aquilo vai alimentar e “encher” o ídolo, e vai afagar seu Ego. Mas, dependendo de como isso for feito, essa relação pode virar uma relação tóxica e vampiresca, uma vez que o adorador não consegue mais produzir nada para si, mas apenas projetar tudo que é seu no outro.

Segundo Jung (2011) a questão da projeção se dá quando existe um inconsciente ativado, que quer se expressar. Assim, somos levados a acreditar que as pessoas são aquilo que imaginamos, quando muitas vezes não vemos a realidade claramente.

Assim como Narciso, existem pessoas que são capazes apenas de se apaixonarem por si próprios e se tornam incapazes de ver a beleza no outro. Isso faz com que eles se afundem em lagos profundos da sua própria existência. É preciso que pos-

samos atingir a fonte original dentro de nós, para, aí sim, liberar todo nosso potencial criativo. Misturar tudo na nossa “panela”, como diria o sábio Raul Seixas, e assim gerar alimento para o mundo!

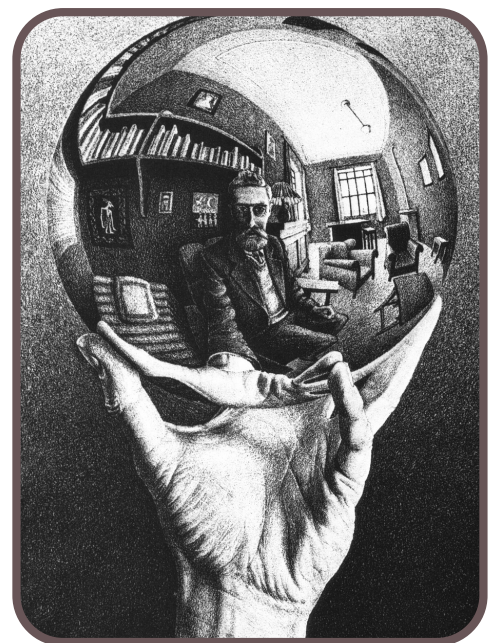
Tanto Eco como Narciso não sobreviveram ao fenômeno da projeção: ela projetou na beleza dele sua imagem, e ele projetou seu amor em seu reflexo egoico. Embora o olhar penetrante de Narciso nos encante, talvez o olhar interno possa ser muito mais atraente.

Isso me fez lembrar da obra “Mão com esferas reflectora” do pintor M.C. Escher (Ernst, 2013). Não apenas essa obra, mas várias obras dele tem esse certo espelhamento, que pode parecer confuso em um primeiro momento, mas onde sua genialidade aparece claramente. Talvez por isso obras espelhadas me chamem tanto a atenção e eu, particularmente, gosto muito delas: duas ou mais visões, normalmente de lados opostos da mesma imagem, mostram que aquilo que vemos nem sempre é a única visão possível.

A obra “Mão com esferas reflectora” tem uma mão que segura a esfera que

reflete nosso mundo. Essa mão, pode ser simbolizada pelo nosso Ego, nosso poder de agir. Afinal, em um processo de autoconhecimento a ajuda do Ego é fundamental para iniciar toda a jornada.

Se pensarmos nos relacionamentos, o tempo pode ser um ótimo aliado para enxergarmos uma situação de forma diferente, pois o tempo também ajuda a mudar o ponto de vista das projeções. As areias do tempo... Afinal, as areias que correm no relógio que marca o tempo podem ser as mesmas que servem de matéria-prima para se fazerem os espelhos! E para virar a ampulheta, a mão (a mesma que segura a esfera reflectora em Escher) é fundamental.



Fonte da Imagem: Ernst, 2013

O importante ao lidar com as projeções é sempre buscar quem se é de verdade. Conforme as projeções conseguem ser retiradas, naturalmente a busca por descobrir quem se é ganha força! Segundo Rohden (1989), temos que nos perguntar: se iremos adorar ídolos eternamente ou se desejamos viver um ideal.

Para tentar olhar para um possível caminho de solução, voltemos ao labirinto de espelhos: alguém se lembra como sair dele?

Se o que nos impede de ver claramente o momento é a projeção da nossa própria imagem no outro, uma saída é fechar os olhos para o externo e olhar internamente. Mas, como a nossa visão do mundo externo estará “anulada temporariamente”, devemos usar do real, representado aqui pela nossa mão, nossas ações, e tatear as estruturas externas para encontrar uma saída. Confiar naquilo que já temos certeza, o que já realizamos. Mas uma dica: nunca podemos perder o contato com o lado do labirinto que escolhemos, pois ele é o nosso norte e somente assim, conseguiremos sair inteiros desta experiência.

## REFERÊNCIAS

- BENEDITO. Vera Lúcia (org). Terapia de casal e de família na clínica junguiana: teoria e prática – São Paulo: Summus, 2015.
- ERNST, Bruno. O Espelho Mágico de M.C. Escher. São Paulo: Taschen, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. A Vida Simbólica. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, Carl Gustav. Tipos psicológicos. 7a Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ROHDEN, Huberto. Ídolos ou Ideal?: O pensamento avulso sobre Deus, o Homem e o Universo. São Paulo: Martin Claret, 1989.



# TEINIAGUÁ: ÂNIMA & ANIMUS NA PAMPA BRASILEIRA

POR MARCOS FERREIRA-SANTOS

*num fim de tarde de qualquer domingo  
encilho o pingo e saio faceiro  
arrastar asas pra china rita  
filha bonita do bolicheiro  
levo a cordeona sempre na garupa  
e já num upa sigo pro bolicho  
meu pingo baio marcha com aprumo  
pois sabe o rumo deste meu cambicho  
peço uma pura pra aquecer os dedos  
e os meus segredos escapam da  
garganta  
a noite escura no olhar da china  
de relancina vem buscar quem canta..  
(como faz bem à alma do gaudério  
esse mistério do olhar da amada  
a gaita entende esses olhares mudos  
que dizem tudo sem falarem nada)  
jose anástácio pinto<sup>1</sup>*

Isso é coisa que a avó já contava para a minha avó charrua como coisa antiga. Para os lados da cidade de *salamanca*<sup>2</sup>, na espanha. O nome da

cidade vem da saudação árabe, *salamaleque (as-salamhalaic)*, cumprimento cotidiano em que se reverencia a divindade interior de quem cumprimenta e lhe deseja paz (*salam*). Naqueles dias, quando os reis católicos, *isabel e fernando*, começaram a expulsão dos mouros e judeus de seu reino, a perseguição atroz se fez. *San tiago de compostela*, o irmão menor de Cristo que teria ido até o campo das sete estrelas (*compostela*) deixou de ser o portador do cálice sagrado para se tornar *san tiago matador de mouros*. Os judeus que sobreviveram foram afastados da cidade e foram encher as *juderías* nas escadarias que já estavam nas saídas da cidade. As sinagogas foram fechadas e convertidas em igrejas católicas. Os mouros, negros árabes de velha tradição tiveram que fugir. Suas mes-

quitas também foram convertidas em igrejas católicas. Isabel de Espanha virou *rainha santa* por tudo isso, com manto cheio de sangue. No seu castelo de *Segóvia*, lugar real de descanso no verão, na sala real há os dois tronos, de *isabel e fernando*, mas o gigantesco vitral que ilumina a sala dos tronos tem a figura majestosa de Isabel em seu cavalo. O que era *toledo*, a velha capital do reino, lugar de encontro das três culturas: cristã, moura e judia, com seus espaços de circulação de saberes e constante tradução dos livros antigos, de uma para a outra língua, de convivência pacífica e curiosa, ficou como coisa do passado. O ímpeto novo é o de matar os estrangeiros e de caça às bruxas. A nova capital passa a ser *madrid*, modelo do novo reino.

Nesta perseguição constante, uma bela princesa moura – lembrando que “*moura*” é o radical de onde provém “*mourena*” ou ainda tardiamente “*morena*”: aquela que tem a cor dos mouros. Ela que conhecia os mistérios da magia e da natureza, e que vivia em salamanca, teve que fugir às pressas para evitar a fogueira. Numa nau cheia de esperanças e angústias, as velas sopraram para o

sul da terra em direção ao novo continente. E aportaram no porto de pelotas, no rio grande do sul, no brasil. Lugar novo e repleto da mesma natureza mágica em que fora criada a princesa moura.

Tamanha era sua beleza que *anhangapitã*, o velho espírito vermelho, se enamorou dela assim que desembarcou nas terras da mátria *pampa*<sup>3</sup>. Ele se aproximou dela propondo que namorassem e vivessem juntos desfrutando dos domínios de *anhangapitã*. Mas a princesa, que conhecia os mistérios do mundo, percebendo a natureza de seus domínios, negou, e não querendo saber de aproximações com *anhangapitã*, desprezou-o e seguiu seu caminho.

Anhangapitã, enfurecido com a recusa da bela moura, amaldiçoou a princesa, soprando sobre ela. Dali em diante ela seria uma lagartixa a arrastar-se na terra, e, para marcar sua pertença a *anhangapitã*, fundiu-lhe na cabeça um carbúnculo, uma pedra vermelha como brasa, rubi resplandecente. A princesa moura não tinha como reverter a magia tupi. Chamar-se-á *teiniaguá!* (*teyú*: lagarto ou lagartixa; e *yaguá*: onça, ou ainda

namorada) disse o espírito vermelho. Anhangapitã a levou até a nascente do rio *uruguay* e ali lhe deixou até que aceitasse viver com ele. Mas, anhangapitã não tomou tenência de que a *teiniaguá* era mulher. Ela, descendo pelo rio *coará* (rio do sol), escondeu-se depois de muito tempo numa gruta, fuma que recebeu o nome de *salamanca do jarau*, cerro ali perto, na coxilha de santana, fronteira com o *uruguay*, posse de uma família de pelotas. Da entrada da gruta exalam vapores ígneos, que dizem ser obra da *teiniaguá*. Salamanca misteriosa que guarda segredos profundos dos tesouros ocultos.

Certa vez, um sacristão da igreja de *são tomé* andava por aqueles pagos. Sol quente que abrasa o caminho dos andejes, sobre a face lhe escorre o suor. Abriu a guampa para tomar água fresca sob uma árvore, quando, de repente, viu sobre uma pedra uma lagartixa que estava imóvel, quase seca pelo sol escaldante. Sem dar-se conta da cabeça luminosa e vermelha que tinha a lagartixa, deitou a guampa para que a pobre lagartixa tomasse água também. Revigorada, se agitava com seu corpinho verde e buliçoso, como quem agradece o co-

ração bondoso de compaixão. O sacristão se afeioou pela lagartixa. Não a deixaria ali ao sol inclemente sem água por perto. Colocou-a cuidadosamente em seu alforje e seguiu caminho de volta para a sacristia da igreja de *são tomé*.

Ao chegar à sacristia deu-lhe mais água e colocou-a sobre uma mesa para que descansasse. Pensando que ela talvez tivesse fome também, separou uma porção de mel campeiro e lhe deu. A lagartixa satisfeita e prazenteira bebeu do mel. Seu corpinho verde se tornava mais rijo e vivaz. O sacristão, contente, foi buscar mais mel quando todos dormiam no vilarejo, e enquanto seateavam ninguém viu. Ao voltar com mais mel teve grande surpresa: a lagartixa de corpinho verde engraçado e buliçoso havia se transformado em uma mulher belíssima. A moça moura de traços delicados tinha o crescente lunar dos infiéis atrás de si iluminando o corpo de curvas arredondadas e carne macia. Seus cabelos negros se formavam como ondas negras em caracóis de espumas em negrume por sobre a pedra luminosa vermelha na testa, escorrendo pelos ombros esguios, nua em pelo como veio à

namorada) disse o espírito vermelho. Anhangapitã a levou até a nascente do rio *uruguay* e ali lhe deixou até que aceitasse viver com ele. Mas, anhangapitã não tomou tenência de que a *teiniaguá* era mulher. Ela, descendo pelo rio *coará* (rio do sol), escondeu-se depois de muito tempo numa gruta, furna que recebeu o nome de *salamanca do jarau*, cerro ali perto, na coxilha de santana, fronteira com o *uruguay*, posse de uma família de pelotas. Da entrada da gruta exalam vapores ígneos, que dizem ser obra da *teiniaguá*. Salamanca misteriosa que guarda segredos profundos dos tesouros ocultos.

Certa vez, um sacristão da igreja de *são tomé* andava por aqueles pagos. Sol quente que abrasa o caminho dos andejes, sobre a face lhe escorre o suor. Abriu a guampa para tomar água fresca sob uma árvore, quando, de repente, viu sobre uma pedra uma lagartixa que estava imóvel, quase seca pelo sol escaldante. Sem dar-se conta da cabeça luminosa e vermelha que tinha a lagartixa, deitou a guampa para que a pobre lagartixa tomasse água também. Revigorada, se agitava com seu corpinho verde e buliçoso, como quem agradece o co-

ração bondoso de compaixão. O sacristão se afeioou pela lagartixa. Não a deixaria ali ao sol inclemente sem água por perto. Colocou-a cuidadosamente em seu alforje e seguiu caminho de volta para a sacristia da igreja de *são tomé*.

Ao chegar à sacristia deu-lhe mais água e colocou-a sobre uma mesa para que descansasse. Pensando que ela talvez tivesse fome também, separou uma porção de mel campeiro e lhe deu. A lagartixa satisfeita e prazenteira bebeu do mel. Seu corpinho verde se tornava mais rijo e vivaz. O sacristão, contente, foi buscar mais mel quando todos dormiam no vilarejo, e enquanto sesteavam ninguém viu. Ao voltar com mais mel teve grande surpresa: a lagartixa de corpinho verde engraçado e buliçoso havia se transformado em uma mulher belíssima. A moça moura de traços delicados tinha o crescente lunar dos infiéis atrás de si iluminando o corpo de curvas arredondadas e carne macia. Seus cabelos negros se formavam como ondas negras em caracóis de espumas em negrume por sobre a pedra luminosa vermelha na testa, escorrendo pelos ombros esguios, nua em pelo como veio à



terra. Disse ao sacristão em voz melodiosa e grave como se a terra falasse desde o ventre mais profundo: *Salvaste-me com a água da tua guampa e o mel que alimenta. A ti sempre serei grata.*

O sacristão, perplexo diante da magia e da beleza inaudita da jovem mulher, mulher-lagartixa, ser das transformações e que seduz, perguntou quem era ela, ao que ela prontamente respondeu: *Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e anhangapitã transformou-me em Teiniaguá de cabeça luminosa, que outros chamam o carbúnculo – e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo.*

O sacristão ficou extasiado. A voz e o corpo daquela mulher lhe embriagavam a alma ao mesmo tempo em que sua alma temia a bruxaria infiel de além-mar, ainda dentro da própria sacristia. Mas, o coração do sacristão falava mais alto e sua paixão crescia cada vez mais. Ela lhe prometeu tesouros e riquezas, pois quem tivesse a *teiniaguá*, isso teria garantido. Mas, a cobiça não movia o

sacristão. Era a beleza divina que emanava daquele corpo moreno em revoltos de desejos, o sorriso doce que abre as portas do paraíso. Como poderia ser maléfico tão iluminado ser que se apresentava a ele e de maneira tão carinhosa. E sua alma de cristão foi saindo de si como o sumo se aparta do bagaço, como o aroma sai da flor que vai apodrecendo.

Seu sorriso branco sempre ensejava um sol, iluminando tudo, e sobre a cabeça da moura amarelejava nesse instante o crescente dos infiéis. Mas, a *teiniaguá* colocou desde logo uma condição. Que o sacristão não se santiguasse na sua frente. Dizia ela: *Tu serás o meu par, se a cruz do teu rosário me não esconjurar.*

Mas os olhos do pensamento do sacristão recreavam-se na luz cegante da cabeça encantada da *teiniaguá*, onde reinavam os olhos dela, olhos de amor tão soberanos e cativos, como em mil vidas de homem outros não viram: o seu amor de mulher que vale mais que destino de homem. Dizia o sacristão à *teiniaguá* em cada encontro: *teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo!... És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta*

*de mim, superior a mim... Eu te queria a ti, teiniaguá encantada!*

Uma noite, os dois na sacristia, enquanto todos seesteavam, ninguém viu. Ela, como costumava ficar, na forma de mulher, nua e com andar altivo de quem é soberana sobre a terra, seus passos acariciavam o chão, seus seios balanceando com o movimento como ondas sobre o mar tranquilo, a tez moura de mulher nua que como lua iluminava o ambiente mesmo em plena escuridão. Nesta noite de poucas estrelas, só o seu lunar crescente atrás de si, ela quis misturar o mel do sustento com o vinho do santo sacrifício. O sacristão, inebriado com a aparição divina, nem titubeou. Por senha da vontade a boca não falou. Foi buscar no altar o copo de ouro do cálice consagrado, todo laborado de palmas e resplendores; e trouxe-o, transbordante, transbordando...

De boca para boca, por lábios incendiados o passaram... e embebedados caíram, abraçados. Ali mesmo sobre o altar, copularam como o vento sobre a pampa nua, como tordilho novo sobre a égua no cio, como faz o beija-flor sobre o cálice da flor. E exaustos, sobre o fogo do

amor, adormeceram, como as brasas do fogo grande no avançar da madrugada.

Um vozerio estrondante irrompe no silêncio. Bateção de porta, gritos e urros vêm de fora. O sacristão atordoado não entende o que acontece quando toda a gente de fora rompe o ferrolho da porta da igreja e avança sobre a sacristia. O sacristão nu sobre o altar, a garrafa de mel tombada e vazia, o garrafão do vinho santo esvaziado e o cálice sagrado de um lado e outro sobre o chão. Nem dos crentes teve dúvida: o sacristão havia pecado dentro da igreja. Pecado maior não há e, para não dizer que foi injusto, rápido julgamento lhe fizeram, com a pena capital que todos esperavam: a forca.

E o sacristão, sem entender muito bem tudo o que tão rápido acontecia, só pensava no corpo buliçoso da *teiniaguá*. Onde estaria ela? Onde se metera naquela confusão? Interrogado pelos padres, que inquisidores querem a alma do setenciado, o sacristão lembrava a lição de outrora: *governa o pensamento e segura a língua: o pensamento dos homens é que os levanta acima do mundo, e sua língua é que os amesquinha*. Só teve

como deslize pronunciar o nome dela numa das sessões: *teiniaguá*... O furor se espalhou não só no julgamento, mas por todo o povoado: *é bicho imundo, mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira!*

Finalmente, condenado com todas as necessárias providências administrativas da corte, para não dizerem por aí que a colônia não respeita as leis do império português, o sacristão foi levado à forca. Local apropriado para isso era na frente da *lagoa dos patos*. Imensa lagoa, feito mar, que permeia e lambe de beijos mareados as coxilhas da pampa.

De pé no cadafalso, a corda envolta do pescoço, todos rufando em uníssono a heresia do sacristão para a execução da pena, na presença de autoridades religiosas, os santos padres, o alcaide, os soldados militares e o povaredo: chinas, piás, índios velhos, velhas beatas fofoqueiras, carpideiras de plantão. E ele, o sacristão, só lembrava da amada: a lágrima do adeus que a saudade destilara. O gotejar lento da lágrima supera, profundamente, a dor no amor.

Como a destilação processa uma

substância na alquimia dos seres elevando-a para outro nível de realidade, assim, a saudade destila este momento de agonia mortal, superando-a através da saudade amorosa (o *póthos* em grego).

Ao ouvir as ladainhas, mas com os ouvidos do pensamento a ouvir o chamado carinhoso da *teiniaguá*, os olhos viam a consolação da graça de *maria puríssima* na imagem que se colocava frente ao cadafalso, mas, os olhos do pensamento viam o riso mimoso da *teiniaguá* na imagem da mariologia. O nariz tomava o faro do incenso perfumando as santidades, mas o faro do pensamento do sacristão sorvia a essência das flores do mel fino de que a *teiniaguá* tanto gostava. A língua está seca de agonia, mas a língua do pensamento saboreava os beijos da *teiniaguá*. O tato das mãos tocava manilhas de ferro, mas o tato do pensamento roçava pelo corpo buliçoso da encantada.

Era chegada a hora e a permissão para chutar o banco debaixo do sacristão, feito réu, para enforcar-se, foi dada pelo alcaide com o aceno do santo padre. Naquele mesmo instante, um vento forte começou a

circular e tornou-se rapidamente um torvelinho de tufão a retirar todas as coisas do lugar. Uma gritaria de pânico se ergue, assim como as saias das moças e senhoras. Chapéus ao ar como asas negras de borboletas feridas. E todos olham para o meio da lagoa dos patos: um jorro de água gigantesco se ergue das ondas e alça ao ar a própria *teiniaguá*.

Para assombro de todos aqueles, a figura da *teiniaguá*, com a fúria das águas e dos elementos, disse em voz alta: *Tu, não; tu não me procuraste ganoso... e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento. A *teiniaguá* que sabe dos tesouros sou eu, mas sou também princesa moura, sou jovem, sou formosa, o meu corpo é rijo e não tocado! E estava escrito que tu serias o meu par. Serás o meu par... se a cruz do teu rosário me não esconjurar.*

Assim, com a aceitação do sacristão num aceno desesperado da cabeça, a *teiniaguá* arrebatou o sacristão do cadafalso e o salvou da ira daquele populacho. Aquele par, juntado e tangido pela destinação, que é o senhor de todos nós, aquele par novo

de mão dadas como namorados, deu costas ao seu desterro. Anhangapitã, também, desde aí não foi mais visto. Dizem que, desgostoso, anda escondido pelas matas, por não haver tomado bem tenência que a *teiniaguá* era mulher.

E assim se foram, sacristão e *teiniaguá*, para a furna da *salamanca do jarau*. E ela disse ao sacristão na guarita da gruta: *Quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascerá uma nova gente, guapa e sábia do sul, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas. Inclusive os tesouros ocultos.*

Desta forma, como tudo que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão, habita a *teiniaguá* nas profundezas da *salamanca do jarau*, e tem por porteiro o sacristão que lhe ama. Sabendo do coração sereno e da alma forte que são necessários para entender e atender aos desígnios da princesa moura encantada, guarda a entrada do mundo dos mistérios.

Muitas invernadas em onze mil luas depois do ocorrido naqueles pagos da fronteira, um gaudério por nome de



*blau nunes, ginete guasca de bom porte em seu alazão, percebeu que um boi havia se desgarrado da tropa. Seguindo o rastro do boi barroso, e sem querer, foi dar com os quartos na salamanca do jarau, e ali encontrou o sacristão que guarda a entrada. Lembrou-se da estória da avó charrua. Sendo saudado pelo gaúcho como se deve, a quem tem a natureza por mestre, diferente dos tantos outros que tentaram entrar com a cobiça nos olhos, o sacristão lhe franqueia a passagem da furna dizendo: Alma forte, coração sereno, vai...*

*rosa de istambul  
rosa dos mistérios na casca do mundo  
só te tenho água de minha pobre  
guampa  
e a sorte do mel campeiro pagão  
misturado ao sacrossanto vinho são  
pra fazer a heresia do altar como cama  
te devotar na maresia da lagoa  
ventania boa que há de me salvar*

*carbúnculo testa do intenso rubi  
marca de anhangá pitã aqui  
desavisado  
pela princesa moura rejeitado  
furna do jarau lagartixa rija briba em  
mim*

*salamanca salva o sacristão da forca  
a vida um jeito sempre encontra  
e gente guapa prá gerar neste pago*

*moura teiniaguá  
cor de mate no mirar  
ao amar, abate e sorve,  
mesmo que se morra  
a gente se dá, devagar  
sem se santiguar...*

“moura teiniaguá” / (marcos ferreira-santos) / ritmo: milonga mourisca / álbum: “dança com minotauro”, no prelo



*teiniaguá por madu lopes (pelotas/RS)*

## NOTAS

1. “segredos do meu cambicho”, de José Atanásio B. Pinto, in: Leopoldo Rassier, “não podemos se entregá pros home”, 1986.

2. O uso de letras minúsculas nos nomes próprios é intencional. É uma questão de reforma do pensamento e fidelidade à ancestralidade. Não temos a importância pressuposta no humanismo antropocêntrico, somos tão iguais às plantas, flores, árvores, seres vivos todos. A importância gramatical do substantivo próprio só figura na língua escrita humana e alfabética (não existe nas demais línguas sinográficas ou ideográficas - a maioria do planeta). Eu prefiro a horizontalidade das relações vivas e sem a soberba ocidental. Na mesma direção, embora por outros motivos ainda mais étnico-raciais, veja-se também bell hooks.

3. Pampa nas mitologias pampeanas é feminino. Ainda que os verbetes dicionarizados pela razão tentem lhe dar um aspecto masculino (o pampa), todo gaudério ou china (mulher bonita gaúcha), de origem ameríndia ou afrodescendente, sabe que a pampa é a mátria (a grande mãe) de três bandeiras e ultrapassa as frontei-

ras geopolíticas (Brasil, Uruguai e Argentina). Por isso, o cavalo é o seu duplo em ânimo e com ela a coincidência oppositorum, a complementação dos contrários. O centauro (ginete) não é apenas um clichê, mas expressão também desta profunda mitologia.

## REFERÊNCIAS

- Bavaresco, Agemir (2003). *Aprender a Ser Gaúcho: A Salamanca do Jarau* de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: WS editor, série Ensaios.
- Bernd, Zilá & De Grandis, Rita (1997). *Produção literária e identidades culturais*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto.
- Ferreira-Santos, Marcos (2021). *Cantiga leiga para um rio seco e outras mitologias*. São Paulo: Galatea, Portal Livre de Livros USP, 3 vols.
- Ferreira-Santos, Marcos & Almeida, Rogério. *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Galatea, FEUSP, Portal Livre de Livros USP, 2ª ed., disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/453/406/1590-1>

# HADES E JOÃO E MARIA, UMA PONTE ENTRE MITOS E CONTOS

POR ROSÂNGELA LEITE FILIPPO

Os mitos e contos de fadas estão presentes em nosso imaginário, sobrevivendo ao longo dos anos. Eles são sempre atualizados e revitalizados, além de poderem ser utilizados em rituais de cura, de passagem, tais como a transição da infância para adolescência, a maturidade, ou ainda a experiência da velhice e morte.

Os mitos e contos são essenciais para a compreensão de temas importantes que surgem na vida, mostrando possibilidades de entendimento através dessas histórias, e promovendo o distanciamento necessário para encontrar caminhos e soluções para os conflitos da nossa jornada pessoal. Têm função estruturante de conduzir as pessoas pelos estágios e crises da vida.

Tanto os mitos como os contos, exercem um papel importante na formação da personalidade das pessoas, pois essas não só se identificam com as personagens, como também aprendem que é possível vencer obstáculos, e, no final, saírem triunfantes, como os heróis das histórias. Toda sociedade humana desenvolveu sua própria cultura e mito, sendo que ambos apontam e desenvolvem o surgimento do universo e inclusive da própria sociedade humana, ou seja, toda mitologia possui a sua gênese.

Algumas vezes pode-se usar o mito para se fazer um paralelo com determinado conto. Dessa forma, o mito pode servir de ponte para o conto de fada.

Nesse contexto pode-se apontar e nortear pontos em comum em várias mitologias e contos ao redor da história e da sociedade humana. Isso não significa que o artigo tem como premissa designar um sinal de convergência e consonância entre os mitos que ainda serão apresentados, o dos irmãos Grimm, João e Maria e o mito do deus grego, Hades, muito menos indicar que há possibilidade de integração de povos que viveram em tempos e espaços geográficos tão distintos.

Passaremos então aos mitos, para, depois de os conhecermos melhor, fazermos a comparação.

João e Maria, dos irmãos Grimm, conta a história de dois irmãos abandonados em uma floresta. Um lenhador, sua mulher e seus dois filhos moravam próximos a uma floresta. Como se encontravam em dificuldades financeiras, a mulher deu a ideia de deixarem as crianças na floresta. O homem relutou, mas concordou, e assim fizeram. João jogou pedrinhas pelo caminho, e assim conseguiram voltar para casa. Em outro dia a cena se repetiu, só que a mulher não os deixou sair para pegar as pedrinhas, e João então foi jogando migalhas de pão pelo cami-

nho. Quando ficaram sozinhos na floresta e tentaram voltar, não conseguiram, porque os passarinhos comeram as migalhas jogadas pelo caminho. Eles então saíram andando e encontraram uma casa feita com bolo e doces. Como as crianças estavam com muita fome, começaram a comer pedaços da casinha, então apareceu uma velha e os convidou para entrar. Ela prendeu João em uma gaiola e fez de Maria sua criada.

A velha, que era uma bruxa, decidiu comer João, e mandou Maria entrar no forno para ver se ele já estava quente. Na verdade, ela queria comer Maria, mas a menina percebeu e disse à bruxa que não sabia como abrir o forno, e pediu a ela para mostrar como deveria fazer, e quando a bruxa entrou no forno, Maria a empurrou e ela morreu queimada.

Maria soltou João, eles pegaram ouro e pedras preciosas e voltaram para casa. Quando os dois chegaram o pai os recebeu com muita alegria, tinha ficado muito angustiado e muito triste sem eles, a madrasta havia morrido.

Entregaram o tesouro ao pai, e assim eles puderam viver juntos e não passaram mais necessidades.



Agora, passamos ao mito de Hades, que é o deus do submundo. Em sua companhia anda um cão de três cabeças, o Cérbero. Esse animal tinha o objetivo de guardar a entrada do reino dos mortos.

No mito de Hades temos o rapto de Coré, filha de Zeus e Deméter, deusa da agricultura.

Certo dia Coré estava colhendo flores, junto com Ártemis e Atená, quando o chão se abre, Hades aparece e leva Coré com ele. Deméter sai à sua procura, e como não obteve vestígio sobre seu paradeiro, a deusa da agricultura cai em uma profunda tristeza, vaga sem destino, sem comer ou beber, e todas as plantas e colheitas começam a morrer.

O deus Hélios percebe a tristeza de Deméter e a ajuda, dizendo que Coré havia sido raptada por Hades e levada ao submundo.

Deméter então vai até Zeus e roga para que ele obrigue Hades a devolver a sua filha. Preocupado, o deus do trovão manda Hermes, o mensageiro dos deuses, até o reino de Hades para convencê-lo a devolver sua filha.

Hades oferece sementes de romã a Coré, e ela aceita.

Hades, então, permite que a jovem

deusa reencontre sua mãe, mas Deméter percebe que sua filha está diferente, havia provado um alimento do submundo, assim, deveria permanecer lá. Sendo assim, Coré / Perséfone torna-se a esposa do senhor do mundo dos mortos, porém, em acordo com Zeus, Hades a deixa viver dois terços do ano com a mãe e o terço restante com ele, no seu reino.

Hades e Perséfone retratam os eternos amantes um do outro, seu casamento é único e exclusivo.

Podemos observar pontos de intersecção entre o mito e o conto, tais como, alimentos, tesouros, inconsciente.

Um dos fatos marcantes do mito de Hades é quando ele rapta Coré: a mãe da jovem percebe que Coré havia provado um alimento no submundo e deveria assim permanecer lá. É interessante observar que tanto no conto como no mito temos o alimento oferecido com o intuito de manter os protagonistas João e Maria e Coré no local onde se alimentaram. Nesse contexto, a semente de romã e os doces podem significar que os personagens sucumbiram à sedução.

Além disso, no reino de Hades temos ouro e pedras preciosas, e no conto de João e Maria ao final eles levam os tesouros encontrados para casa. As joias estão ligadas às entranhas do mundo, possuem uma energia que provém do mundo subterrâneo. As joias e objetos preciosos simbolizam o autoconhecimento.

Existe uma crença de que as bruxas têm almas de raposas, que pertencem à família Canidae, e aí se inclui também o cão. Podemos dizer que assim como a bruxa o cão Cérbero, que pertence a Hades, são os guardiões do local onde vivem.

Hades representa o mundo dos mortos e o inconsciente. No conto, João e Maria saem de casa, o ato de sair de casa tem um simbolismo para a psique de morte, e temos ainda que a floresta em geral é um símbolo do inconsciente, podemos assim observar que esses pontos nos remetem a mais uma relação entre as duas histórias.

“Apesar das diferenças, o que os contos de fadas e os mitos têm em comum é o fato de que ambos fazem parte do inconsciente coletivo: ou

vindo de dentro do indivíduo para fora, como nos contos de fadas, ou do mundo exterior para dentro do indivíduo, como no mito, ambos marcaram emocionalmente o indivíduo, passando a fazer parte do inconsciente coletivo”. (ALT, 2000, p. 43).

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, M. Z. *Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique e Regências Míticas*. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda, 2010. 318 p.
- ALT, Cleide Becarini. *Contos de fadas e mitos: um trabalho com grupos numa abordagem junguiana*. São Paulo: Vetor, 2000. 344p.
- BERNARDO, P. P. *A Prática da Arteterapia – correlações entre temas e recursos*, vol. VI: *A Alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia: criatividade, transformação e individuação*. São Paulo: edição do autor.
- FRANZ, Marie-Louise von. *A interpretação dos contos de fadas*, São Paulo: Paulus, 1990. 240p.

# ORFEU & AMOR ALÉM DA VIDA

POR ROSANGELA CORRÊA

Sejam bem-vindos, mais uma vez, caros leitores. O tema escolhido para o nosso 5º artigo na Revista Mitologia Aberta exaltará o AMOR, inspirado pela sazonalidade brasileira em torno das comemorações pelo Dia dos Namorados, em 12 de junho. E, neste intento, procurei esquivar-me da óbvia alusão mitológica, em também me somar aos já muitos estudos e dissertações sobre o tema, embasados em narrativas de Eros e Psiquê, mas que não posso me abster de ao menos registrar esse par romântico, justamente por oferecerem rico repertório de cunho poético e de desenvolvimento, especialmente, no que tange a trajetória existencial de Psiquê e/ou psique(alma) inerente a todo ser humano.

Registro feito, quero convidá-los para que nos acompanhem, imageticamente, aos Infernos de

Hades, Dante e Robin; com e pelo mais nobre, celeste, justificado e necessários dos motivos, ou seja, o AMOR. Alerta de spoiler: Amor além da vida, é o nome de um filme, já antigo e certamente atemporal, cujo personagem principal é interpretado pelo ator norte-americano Robin Williams, inspirado na ontológica obra de Dante Alighieri, que por sua vez também sugere aproximação com a tragédia grega experimentada por Orfeu e Eurídice, cuja fonte motriz e condutora é nada menos que o AMOR. Além de também homenagear uma das indispensáveis seção desta nossa Revista: Vitrola de Orfeu.

## *O Mito*

Orfeu: Popularmente associado etimologicamente ao obscuro ou obscuridade, provável e especialmente em função de sua empreitada ao Hades(submundo/local) – *Hades é*

o nome do deus grego regente do submundo, também conhecido como Pluto ou Plutão, mas, não menos importante, é também nome do local destinado às almas, muito embora a origem do nome Orfeu seja incerta, é comumente também associado ao adjetivo grego orphnos ou orphanós, que traz significados como: desprovido de; privado de; órfão. Seus atributos de músico e poeta são legítimos e excepcionais, pois antes de Orfeu as narrativas sugerem total inabilidade entre os mortais na execução destas artes, que até então eram exercidas apenas por Apolo – que entre outras designações é deus da música/artes, além das nove Musas, respectivamente. Portanto, Orfeu é registrado e aclamado como um grande músico, capaz de fascinar a tudo e todos, tornando dócil até a fera mais terrível e/ou curvando árvores e plantas em sua direção. Fala-se ainda, de um homem amado e o mais famoso do mundo, cujo talento era impossível de ser desprezado e tocado sensivelmente pela harmonia de sua obra. Menelaos, poeticamente nos conta sobre estes dons:

*“Se então se perguntasse quem era o homem mais amado e famoso do mun-*

*do, ninguém responderia que era um rei, general ou herói poderoso. A resposta seria: Orfeu.*

*[...]É verdade que sua voz comove até mesmo as pedras e que as árvores arrancam suas raízes da Terra e andam para chegar perto dele? A resposta era sempre a mesma, firme e convincente: [...] A melodia de Orfeu acalma até o mar enfurecido, e sua voz é tão forte que é capaz de encobrir o estrondo dos trovões de Zeus.” (Stephanides, 2001, p. 112).*

Mas Orfeu vai além, muito além, aliás! É versado em filosofia e religião; iniciado nos Mistérios; tido como herói civilizador; membro das trupes de argonautas; fundador da escola teosófica órfica; promulgador, por sua trajetória, da reestruturação local e arquetípica do Hades, influenciando diretamente as religiões judaico-cristã. Mas vamos por partes.

Há versões que o colocam com filho do deus Apolo, mas é recorrentemente dado como filho do rei Eagro e Calíope, uma das nove Musas e filha do deus Zeus (deus dos deuses). Independentemente das variações sobre sua paternidade, é fato que o deus Apolo oferece a Orfeu um mítico



instrumento musical que o acompanha por toda vida carnal, sendo um importante recurso, junto a sua voz e magnetismo, ou “charme pessoal”, em suas aventuras e desventuras. Além de também lhe ser atribuída a criação de outro instrumento musical, chamado cítara. A lira, foi presente de Apolo, mas originalmente criada por Hermes – entre outras atribuições, deus da comunicação. Inicialmente, a lira contava com sete cordas, que, posteriormente, Orfeu aperfeiçoa, acrescentando outras duas cordas, supostamente em homenagem à sua mãe e tias, que compõem as nove Musas, além do caráter simbólico e iniciático que o número 9 (nove) carrega. E, obviamente, não fortuitamente, pois tudo indica que seu profundo conhecimento iniciático (religioso e filosófico) tenha sido adquirido e forjado em seu intercâmbio pelo oriente, passando especialmente pelo Egito, mediante aproximações e/ou sincretismo que podem ser percebidos entre a civilização/mitologia egípcia e o movimento órfico.

Príncipe da Trácia, e contando com seus dons divinos, Orfeu é convidado e aceita participar da famosa expe-

dição dos argonautas, cuja importância e função foi indispensável para o sucesso da jornada desta nau e seus tripulantes, seja pela participação sistêmica da navegação, através da cadência oferecida por sua música aos remadores, bem com acalmando a própria tripulação e/ou as águas durante tempestades, além de evitar a sedução dos marinheiros ao fatal canto das Sereias, ou ainda, por todo conhecimento sorvido em viagens pregressas, entre outras coisas, sobre a justa providência, em tornos dos tripulantes experimentarem a iniciação aos Mistérios de Cabiros, antes de adentrarem em regiões sagradas. Ao que Junito esclarece numa nota de rodapé:

*“[...] os Cabiros, consoante a tradição mais comum, eram quatro e passavam por filhos de Hefesto e Cabiro ou, segundo outras versões, Hefesto, unindo-se a Cabiro, foi pai de Cadmilo, tendo este gerado os outros três: Axiero, Axioquersa e Axioquerso, identificados respectivamente com Hermes, Deméter, Perséfone e Hades. Seus principais santuários se encontravam na Samotrácia e em Lemnos, Imbros e perto de Tebas. Divindades de “mistérios” não podiam*

*ser invocados impunemente, a não ser por iniciados. Integravam, normalmente, o cortejo de Hera, a protetora dos amores legítimos, já que o ápice de uma iniciação, τέλος δ γάμος (télos ho gámos) é exatamente o casamento. Após a época clássica, os Cabiros se tornaram, como os Dioscuros, protetores da navegação, daí o conselho de Orfeu, para que os Argonautas se iniciassem nos Mistérios da Samotrácia. Um estudo luminoso sobre os Cabiros se encontra na obra já por nós citada de Károly KERÉNYI, Miti e Misteri, p. 158sqq.” (Brandão, Vol. III, 2015, p. 189(5)).*

Nesta breve exposição do mito, já podemos perceber o tamanho do alcance e influência desta personagem mitológica e a justa constatação de sua “fama”. Orfeu era amado, aclamado, e naturalmente dispunha de admiradores e seguidores, por seus já proferidos feitos. Além de ser capaz de desenvolver sua arte, sua música, como nenhum mortal antes, e isto, por sua vez, também lhe dava status de criador, iminentemente equiparado a um deus.

Eurídice e Orfeu: Findo a expedição com os argonautas, Orfeu conhece a ninfa Eurídice, e ambos se apaixonam

ao primeiro olhar. Não havia casal mais feliz ou poeta mais inspirado na proclamação de seu amor, Eurídice bailava aos arredores, levando graça e alegria por onde passavam. E logo decidiram-se pelo matrimônio, pleiteando as bençãos de Himeneu – deus patrono das cerimônias matrimoniais, mas diferente da deusa Hera, regente dos casamentos como protetora e zeladora do compromisso que o ato conclama. O deus Himeneu, de pronto, constata o desfecho funesto daquele jovem casal apaixonado, e dentre os ritos, uma tocha é trazida ou acesa durante a cerimônia, que tanto mais exitosa a vida conjugal, quanto melhor a qualidade ou intensidade do fogo cerimonial; que conforme versões narrativas, falam que a chama produzira uma densa fumaça escura, enquanto outras relatam que a chama não se presentificou, produzindo apenas a fumaça estéril. Embriagados pela própria felicidade, os noivos não perceberam, e Himeneu também não os adverte, apiedando-se do iminente trágico destino, dando sequência aos festejos que seguiram noite adentro, até que os noivos se retiraram. Neste ponto, há novamente, variações do mito, sem, contudo, alterar seu desfecho, seja na descrição em que

Orfeu descansava em seu leito aguardando Eurídice, ou noutra possibilidade, em que Orfeu fora convocado para alguma atividade e deixará sua amada aguardando. Em ambas, sem a presença de Orfeu, Eurídice dança e brinca na floresta com as outras ninfas e decide banhar-se no lago. A este ponto da narrativa é percebida por um dos filhos de Apolo e outra ninfa, Cirene: Aristeu – Apicultor, adorado na Grécia Antiga como protetor dos caçadores, rebanho e pastores. O apicultor, mesmo sabendo do recente enlace, é tomado por súbita e violenta paixão e investe cegamente na tentativa de possuir Eurídice, que foge pela floresta, enquanto as outras ninfas saem no encalço de Orfeu. Na fuga, Eurídice, descuida-se do caminho e pisa numa serpente, que naturalmente reage picando-a, no exato momento, em que Orfeu ainda consegue avistá-la com luz nos olhos, mas incapaz de evitar sua queda ao chão, já morta. Orfeu, arrebatado pelo trágico acontecimento, canta em vão, sua dor; clama aos deuses que devolvam sua amada; a certa altura revolta-se e blasfema, também em vão.

Lamentavelmente, fala-se muito

pouco sobre Eurídice, mesmo ela sendo a fonte basal e motivadora do desenrolar deste mitologema. Psicologicamente, podemos especular que o fato dela ser narrada em uma floresta, que, para os gregos, carregava sempre uma ideia de obscuridade, perigo, sugerindo algum nível de caos, prenunciando o mergulho igualmente caótico do mito, e reforçado pela presença da serpente, que embora também possa carregar inúmeras possibilidades simbólicas, neste caso, pela cronologia e alusão na importante obra ovidiana e suas derivações, exclusivamente indica maldade, coisas macabras, tratando-se de um animal ligado ao mundo ctônio e/ou seres infernais.

Não vou me alongar sobre Aristeu, porque nada definitivamente sério aconteceu com ele, pois sendo filho de um deus e uma ninfa, após a morte de suas abelhas, obra de vingança de Orfeu e das ninfas companheiras de Eurídice, Aristeu é acolhido por sua mãe que o orienta como recuperar suas colmeias, exitosamente. Entretanto, usando de distanciamento e livre de paixões julgatórias, podemos, entre outras reflexões, entender a participação

desta personagem mitológica como um pseudo-mal necessário, capaz de impulsionar Orfeu para um novo estágio de desenvolvimento evolutivo, como abordaremos na sequência deste estudo.

Muito bem, ainda antes de prosseguirmos, pois, obviamente, como veremos ou sabemos, Orfeu não desiste de sua amada e é capaz mover céus e terras, ou ir ao Inferno, propriamente dito, para reavê-la, e apesar de, como já vimos anteriormente, ser um expoente mitológico, com grande peso arquetípico e até histórico, impregnado de representatividade diante das narrativas da mitologia grega, até a morte de sua amada – haja visto que o mito cresce ainda mais, e especialmente, a partir de então; gostaria de chamar a atenção para o fato de, que sejam quais forem as versões narrativas deste mitos, é muito interessante perceber que o jovem casal apaixonado não consumou o casamento, oferecendo-nos um forte indício de que provavelmente até este momento de sua trajetória, apesar dos muitos feitos e conquistas, Orfeu ainda não está pronto para fazer a integração definitiva com sua anima, sua alma,

sua “musa” inspiradora, Eurídice. Há, portanto, ainda muito trabalho a ser feito, seja interno e/ou coletivamente, e só então, mediante as devidas experiências e processamento, promover a tão almejada integração ou *coniuntion*.

**Orfeu desce ao Hades:** Orfeu decide ir pessoalmente aos Infernos para suplicar aos regentes do Hades que devolvam sua esposa, pois está plenamente convencido que na exortação e exposição de seu amor pode sensibilizar tudo e todos, até os senhores da morte, para reaver Eurídice. E nesse intento, decididamente, nosso herói busca informações sobre a localização do Hades, destino das almas desprendidas do corpo físico. Muitos tentam demovê-lo da ideia, mas sua obstinação acabou por colocá-lo na direção almejada, como expõe Menelaos: *“De tanto perguntar, ele descobriu que, nos flancos do monte Taígeto, no Peloponeso, há uma garganta que leva até uma caverna escura, pela qual uma das vezes Hércules desceu para trazer Cérbero, o guardião do Hades [...]”* (Stephanides, 2001, p. 116)

Pois bem, o local encontrado era inóspito, e à medida que mergulhava

caverna adentro, mais repugnante e assustador o cenário e todo o ambiente transformava-se, mitigando gradativamente a luz do dia. Dependendo da versão narrativa, ele trilha o caminho completamente sozinho. Numa outra variante, no entanto, em dado momento de sua descida ele é interrompido pelo deus Hermes – em suas muitas atribuições: age também como psicopompo, guia das almas, que o questiona sobre suas intenções, agradavelmente descrita também por Menelaos:

*“Admiro sua coragem, Orfeu – disse Hermes –, mas você está tentando fazer o impossível. O rei dos mortos é rígido e intransigente, e desconhece a dor humana. É verdade que deixa Adônis voltar ao mundo toda a primavera, mas apenas porque Afrodite o ama, e mesmo assim ele deve descer ao Hades no verão. A única outra exceção é Perséfone, a mulher de Plutão, que não está morta e volta para a sua mãe todos os anos, por determinação do próprio Zeus. Portanto, não espere por aquilo que jamais acontecerá. Deixe-me conduzi-lo ao mundo dos homens”* (Stephanides, 2001, p. 117)

Mas Orfeu, resoluto em seu objetivo, pede que Hermes leve-o até

Hades, que consente, diante de tanta firmeza e determinação. E mesmo nesta versão, em que conta com a companhia de Hermes, o mérito de avançar as etapas seguintes e do desfecho imutável, é crédito exclusivamente de Orfeu. O caminho continuou íngreme, cada vez mais escuro e silencioso, culminando nas margens do rio subterrâneo e sagrado do Hades: o rio Estige, onde também encontrava-se o barqueiro Caronte, encarregado de transportar as almas de uma margem à outra, cujo destino é sempre inegociável e exclusivo aos mortos, que obviamente ainda não era o caso de Orfeu. E após a natural e inicial negativa de Caronte, placidamente Orfeu lança mão de seus dons, sacando sua lira e cantando seus versos, e começa a sensibilizar e cativar tudo e todos com sua divina música, provocando manifestações coletivas e progressivas, à medida que avançava o percurso dentro do Hades; iniciando por Caronte, que prontamente lhe serviu de barqueiro. Já na outra margem, atravessa o portão do Hades, e resoluto chega até a sala do duplo trono, onde encontram-se os regentes do mundo subterrâneo: Hades e Perséfone, além dos três sábios juízes de Hades: Minos, Radamento e Éaco, outrora



reis de Creta, Beócia e Égina, respectivamente, e que agora proferiam sentenças aos criminosos. Antes que qualquer um reagisse à sua presença inconveniente e impertinente, Orfeu mais uma vez faz uso de seu “poder” lírico e transmuta todo o ambiente e o ânimo dos presentes e dos que estavam nas cercanias, sensibilizando as Eumênides (espécie de carrascos), cessando os gemidos e os sucessivos castigos impostos, nos moldes de loop contínuo, como os impetrados a Sísifo, com sua enorme pedra montanha acima; Tântalo, constantemente sedento e faminto, nutrindo-se inutilmente; as Danaides, com sua urna sem fundo; entre outros... Como consta na coleção da Abril Cultural, algo jamais visto acontecia ali: *“(Naquela hora bendita, o amor transformava os Infernos numa clareira acesa de compaixão e fraternidade.)”*.

E Orfeu seguiu com seu lamento em melodia, suas súplicas em forma de canção, quase como oração, argumentando e expondo a magnitude do amor experimentado, e resoluto em permanecer nos Infernos até que os deuses do submundo e dos mortos finalmente assentiram que Eurídice voltasse ao mundo dos vivos

com Orfeu, mediante condição intransgressível: Orfeu deveria seguir à frente de Eurídice durante todo o percurso, até saírem dos domínios do Hades, sem que Orfeu olhasse para trás, onde deveria estar seguindo sua amada, sob pena de Eurídice retornar imediatamente aos Infernos. Tudo parecia bem e resolvido, todos felizes, e o jovem casal iniciou a jornada de regresso. Sempre que necessário, fazendo uso de encantamento musical, como na passagem pelo guardião dos portões do Hades, o cão de três cabeças, Cérbero, cuja função é impedir que os mortos deixem o Hades, ao que Junito esclarece:

*“O Cão do Hades representa o terror da morte; simboliza os próprios Infernos e o inferno interior de cada um. É de se observar que Hércules o levou de vencida, usando tão-somente a força de seus braços e que Orfeu, “por uma ação espiritual”, com os sons irresistíveis de sua lira mágica o adormeceu por instantes.”* (Brandão, Vol. I, 2015, p. 256).

Tudo seguia bem, atravessaram com Caronte o rio Estige e empreenderam a longa, árdua e íngreme subida da caverna que dava acesso à superfície

terrestre e ao mundo dos vivos. E, muito próximo de concluir a jornada, Orfeu é atravessado por violenta insegurança, temendo que Eurídice não o estivesse acompanhando ou que houvesse sido enganado pelos deuses, e, num átimo, vira-se para confirmar a presença da esposa, que súbita e novamente é tragada aos Infernos. Orfeu falha miseravelmente, e no afã de resgatar sua amada, deixa sua lira pelo caminho e retorna desesperadamente, o caminho antes conquistado até as margens do rio subterrâneo, e desta vez, sem seu instrumento musical e completamente abalado, pela dupla morte de sua esposa, tenta, por dias e em vão, convencer o barqueiro novamente. Junito nos lembra sobre os ditames arquetípicos das direções escolhidas:

*“Na realidade, o grande desencontro de Orfeu no Hades foi o de ter olhado para trás, de ter voltado ao passado, de ter-se apegado à matéria simbolizada por Eurídice. Um órfico autêntico, [...] jamais “retorna”. Desapega-se por completo, do viscoso, do concreto e parte para não mais regressar. [...] Orfeu olhou para trás transgredindo o tabu das direções. [...] É assim que olhar para a frente é desvendar o futuro e possibilitar a re-*

*velação; para a direita é descobrir o bem, o progresso; para a esquerda é o encontro do mal, do caos, das trevas; para trás é o regresso ao passado, às hamartias, às faltas, aos erros, é a renúncia ao espírito e à verdade.”* (Brandão, Vol. II, 2015, p. 150 e151).

Os especialistas em literatura, mitologia e psicologia, em grande parte, convergem sobre a apoteose deste mito ser a descida aos Infernos, bem como simbólica e relativamente, Orfeu ter assumido a postura do olhar para trás, já a partir da primeira morte de Eurídice; em função do compreensivo apego e nostalgia do que já tinha experimentado e do que supostamente viveriam, causando mácula dolorosa através do apego à dor e/ou perda. As lembranças dolorosas quase sempre agem de maneira cáustica e recorrente, justamente pelo apego do objeto de desejo, por vezes perdido. Já as boas lembranças abstêm-se de provocar desestabilizações, certamente por não haver sentimento de “perda” do objeto envolvido, sendo, portanto, um evento integrado harmonicamente. Fica evidente pela insubordinação e/ou insegurança expressas no vacilo de Orfeu, que ele próprio ainda não possuía a harmonia necessária para

integrar sua alma, ou seja, unir-se com Eurídice. Nesse sentido, ele também precisa matar o velho e/ou obsoleto em si, abrindo espaço para o novo, criando assim possibilidades para desenvolvimento interior e futuras integrações, que, lamentavelmente, neste primeiro momento, ou segundo, se também considerarmos a não consumação do matrimônio como primeira tentativa de integração, Orfeu ainda não tinha conteúdo anímico suficiente, pois nos termos do mito, ainda era um vivo, para conjurar as integrações necessárias para uma suposta ascensão evolutiva. E para isto, não há atalhos; há caminhos... e os impasses, a partir de então são: qual e como seguir adiante?!

O mitólogo Mircea, nos oferece algum esclarecimento em torno das mortes e renascimentos simbólicos:

*“Os mitos e ritos iniciatórios de regressus ad uterum colocam em evidência o seguinte fato: “o retorno à origem” prepara um novo nascimento, mas este não repete o primeiro, o nascimento físico. Especificamente, há uma renascença mística, de ordem espiritual – em outros termos, o acesso a um novo modelo de existência (com-*

*portando a maturidade sexual, a participação na sacralidade e na cultura; em suma, a “abertura” para o Espírito). A ideia fundamental é que, para se ter acesso a um modo superior de existência, é preciso repetir a gestação e o nascimento, que são, porém, repetidos ritualmente, simbolicamente; em outros termos, as ações são aqui orientadas para os valores do Espírito e não para os comportamentos da atividade psicofisiológica.” (Eliade, p.76).*

É também sempre muito interessante perceber os aspectos simbólicos em torno de números que carregam valor iniciático, e o mito de Orfeu é repleto destes apontamentos, como sobre o tempo de luto experimentado pelo poeta; de alguma forma vinculado aos números 7 (sete) ou 9 (nove), respectivamente associados a ideias ou modelos arquetípicos de perfeição e ciclos. Alguns contam nove, mas na versão de Ovídio, Orfeu chora às margens do rio por sete dias, enquanto Virgílio registra sete meses, seja como for; após o lamento enlutado, apesar de dilacerado e sem perspectiva ou alternativa, desiste de tentar reaver Eurídice e reinicia o caminho de volta, recuperando sua lira, que havia

se perdido pelo caminho, e a seu tempo dando início ao Orfismo.

Orfismo: Em seu regresso, esquivava-se de toda e qualquer mulher que tenta seduzi-lo, na tentativa de resguardar seu amor, e funda a própria escola teológica, cujo nome deriva do seu próprio: Orfismo, onde imperavam: música, educação, cultura, civilização e teologia. A finalidade principal estava focada na busca incessante da purificação, que eram praticados no modelo esotérico, ou seja, seus conhecimentos e ritos eram exclusivos aos membros homens, iniciados e que seguiam seus preceitos como caminho de vida. Preconizavam a imortalidade da alma, no que poderíamos denominar como reencarnação, ou seja, a alma é capaz de habitar novos corpos, com o justo objetivo de purificação, evolução e libertação do ciclo de encarnações. Orfeu construiu e atraiu para si uma espécie de conceito, como uma base de fundamento arquetípico. Os gregos da antiguidade acreditavam que ele havia existido de fato, e dado as devidas proporções e contextos: análogo a Jesus Cristo. E diante de todo arcabouço reunido, professado, ensinado por ele, e a partir dele ou do que ele representava, talhou bases

angulares no processo civilizatório do povo grego, bem como inspiração para diversas escolas filosóficas e teológicas, como as de fundamentação judaico-cristã.

Depois de certo tempo, e sistematicamente rejeitando as investidas amorosas das mulheres, lembrando que Orfeu é famoso, amado, capaz de ir aos Infernos por uma mulher e voltar vivo, num dado momento, um grupo de bacantes ou ménades, alucinadas e excitadas após participarem de ritos dionisíacos, e frustradas pelos desprezos pretéritos, atacam, matam e despedaçam o corpo de Orfeu. – *Amo notas de rodapé, na revista não dá* –, mas Menelaos sintetiza a morte de Orfeu, nos dando inclusive mais algumas variantes sobre a motivação do feito:

*“A morte de Orfeu deu origem a um grande número de tradições. Conta-se geralmente que foi morto pelas mulheres da Trácia. Mas os motivos pelos quais elas teriam feito variam: ora se diz que o odiavam por ser fiel à memória de Eurídice, ora se diz que Orfeu passou a menosprezar o sexo feminino e preferia a companhia de rapazes. Outra expedição para a sua morte está relacionada com uma mal-*

*dição de Afrodite. Em sua disputa com Perséfone para ficar com Adônis a deusa do amor foi forçada, por ordem de Zeus, a submeter-se ao julgamento de Calíope. Esta decidiu que ambas ficariam com Adônis, cada uma delas durante metade do ano. Afrodite ficou revoltada com tal decisão, e não podendo vingar-se diretamente de Calíope, inspirou às mulheres da Trácia um intenso amor por Orfeu. Mas como nenhuma delas queria cedê-lo às demais, acabaram por fazê-lo em pedaços.” (Stephanides, 2001, p. 126)*

Abrindo breve parênteses para esclarecer um ponto sobre esta última citação. Lembrem-se que Calíope é mãe de Orfeu, e conforme variações e resumindo bastante o mito de Adônis: portador de beleza singular, despertou o amor da deusa Afrodite, e esta, para protegê-lo de seu amante, o deus Ares, pediu para a deusa Perséfone esconder o belo rapaz por um tempo, e quando Afrodite foi buscá-lo, Perséfone, por assim dizer, também se afeiçoou ao rapaz, e na disputa entre ambas, Adônis também acabou despedaçado.

Retomando nossos estudos sobre o poeta: as Musas juntaram as partes do corpo de Orfeu e enterraram num

local em que o canto dos pássaros tornou-se mais doce. Em outra variante, as assassinas jogam seus restos mortais no Rio Hebro e foram punidas pelos deuses, com uma peste que atravessou seu país e que só cessou após a cabeça do poeta ser encontrada e honrada funebremente. A cabeça era considerada sede da alma e do pensamento, por isso tamanha importância nos ritos da antiguidade e na específica determinação dos deuses para “remediar” a fatalidade. A cabeça foi encontrada em Jônia, local onde foi erguido um templo, vetado às mulheres, em homenagem a Orfeu, e onde seu crânio passou a servir de oráculo.

A conceituação sobre o Orfismo é bastante ampla e controversa, e aprofundar este tema fugiria ao escopo proposto a este artigo, além de apegar a complexidade que o assunto nos oferece, como a aproximação, influência e inter-relação dionisíacas, apolíneas, pitagóricas, além de ramificações orientais. Todavia, além dos aspectos já mencionados neste artigo, há muitos outros que provocaram transformações e/ou iniciaram novas formas de pensamento. E peço licença para registrar apenas mais dois aspectos,



considerando seus profundos significados e transcendência:

- **O Hades:** Era um lugar imenso e integral destino de todas as almas, e, supostamente, a partir de Orfeu, o Hades passa a ser descrito com subdivisão em três partes – 1) O Tártaro: inicialmente destinado ao confinamento dos Titãs, que antecederam e foram vencidos pelos Olímpianos. E com a suposta reestruturação aludida, cronologicamente, por volta do evento Orfeu, passa também a abrigar as almas amaldiçoadas; 2) Os Campos de Asfódelos ou Érebo: aqui estão as almas jugadas, consideradas nem más, nem boas, é um território neutro. Aqui também encontram-se as almas que aguardam julgamento; 3) Os Campos Elísios: inicialmente destinado aos heróis, e com o tempo, passou também a ser percebido como o destino de almas boas. E na respectiva perspectiva judaico-cristã: 1) Inferno; 2) Purgatório e 3) Paraíso.
- **“Carma” ou débitos individuais:** Vejam só que interessante, sabem esses ranços familiares, que vez por outra temos notícias em fo-

lhetins, porque pensar que isso ainda existe, em nossos dias, seria admitir que ainda somos bárbaros, não é verdade? Pois bem, na Grécia Antiga, os maus feitos e/ou débitos de toda espécie eram sistemicamente herdados, atribuídos e/ou assumidos pela família, mesmo que inicialmente tivesse sido desencadeado individualmente. Ou seja, se alguém fazia uma besteira, mesmo que morresse, a família ou a nação seriam penalizados. Mas com advento dos conceitos órficos, gradativamente esse *modus operandi* vai se desfazendo. Reafirmado por Junito a seguir:

*"Na Grécia, ao que tudo indica, somente a partir do Orfismo, lá pelo século VII-VI a.C, é que o Hades, o Além, foi dividido em três compartimentos: Tártaro, Érebo e Campos Elísios. O fato facilmente se explica, conforme se há de falar no mito de Orfeu e Eurídice: é que o Orfismo rompeu com a secular tradição da chamada maldição familiar, segundo a qual não havia culpa individual, mas cada membro do guénos era corresponsável e herdeiro das faltas de cada um de seus membros, e tudo se quitava por aqui mesmo. Para os Órficos a culpa é sempre de responsa-*

*bilidade individual e por ela se paga aqui; e quem não se purgar nesta vida, pagará na outra ou nas outras. Havendo uma retribuição, forçosamente terá que existir, no além, um prêmio para os bons e um castigo para os maus e, em consequência, local de prêmio e de punição.”* (Brandão, Vol. I, 2015, p. 334).

### Amor além da Vida

Inicialmente, para este estudo, pretendia destrinchar, correlacionando especialmente a parte da subdivisão do Hades com a obra – A Divina Comédia, de Dante Alighieri – mas certamente isto triplicaria o tamanho do artigo, sobrecarregando o leitor e minha “pobre” editora. E assim como um amplo estudo sobre o Orfismo, a obra de Dante merece um ou alguns artigos exclusivos, sob pena de deliberadamente mitigar e/ou negligenciar conteúdos tão ricos e complexos, que ambos os estudos podem oferecer. Certamente não faltará oportunidade para mim ou meus colegas escritores abordarmos o assunto convenientemente. Ainda assim, como planejado inicialmente, não me esquivarei de ilustrar o mito arcaico de Orfeu, correlacionado analogamente a uma outra obra, des-

ta vez cinematográfica, sendo esta, evidentemente, uma releitura da obra literária mencionada, que por sua vez, também está embasada no Mito Orfeu.

Muito bem, o nome original do filme é “What Dreams May Come”, e esta é uma das poucas vezes que prefiro o título modificado para nosso idioma (português): “Amor além da Vida”, embora compreenda o motivo do nome original, pois trata-se de uma explícita menção a uma das falas no filme, entre o personagem principal e sua filha, e intimamente relacionado a uma conversa deles, sobre o céu ou paraíso. Desde já, alerto que farei inúmeros *spoilers*, e não consigo pensar numa palavra mais efusiva ou exótica para causar mobilização que: *EXORTO-VOS* a assistirem este filme, caso ainda não o tenham feito, e também, para aqueles que já tenham assistido, mas, e com a viva recomendação, que o façam com olhos, ouvidos e sensibilidade libertos de preconceitos!

Como disse, o filme é uma releitura das obras e mito, e segue numa sucessão intermitente de *flashback*, e deliciosamente o filme começa como termina: o casal principal, tidos como

almas gêmeas, encontrando-se pela primeira vez em um lago e experimentando o AMOR ao primeiro olhar. – *Vejam o filme, acreditem, é melhor que isto!* Então, eles se conhecem melhor, casam-se, prosperam profissionalmente, ele médico pediatra, ela artista e curadora, tem um casal de filhos lindos, no melhor estilo de propaganda “família feliz vendendo creme vegetal”. E numa manhã comum de um dia comum, todos encontram-se no café-da-manhã, preparando-se para suas tarefas cotidianas, todavia, por causa de imprevistos no trabalho da mãe, a babá vai levar os filhos à escola, e os pais saem para seus respectivos trabalhos. Tudo lindo, tudo maravilhoso, alguém lembra da festa de núpcias de Orfeu e Eurídice?!

Pois bem, num instante, e tudo se transforma: a babá e os filhos sofrem um acidente de carro sem sobreviventes, a mãe culpa-se, por acreditar que seus instintos maternos produziram o reflexo milagroso que evitaria o acidente, caso ela não tivesse se deixado sobrecarregar pelo trabalho e tivesse levado os filhos à escola, como era costume. Não suporta a perda filial, deprime-se, tenta suicídio e fica confinada em

uma clínica psiquiátrica por um longo período. Torna-se quase um espectro, como a primeira morte de Eurídice. O pai, tudo suporta como dá, suprimindo os próprios sentimentos de perdas - no filme são três: o filho, a filha e a esposa, que embora ainda respire, obviamente desistiu de viver. Ele visita, sistematicamente, a esposa, na tentativa de recuperá-la, até que ela pede o divórcio, sob a alegação de que eles não são mais “iguais”, e ele tenta explicar que também sofre e lamenta a perda dos filhos, e que achou que deveria aguentar, não só por ela (esposa), mas por ele próprio também, e ela diz uma das muitas frases importantes do filme: “Às vezes, quando você ganha, perde!”, referindo-se a suposta conquista de autoblindagem afetiva do marido. As semanas passam, meses..., ela já não fala mais com ele, embora ele continue visitando-a, até que um dia, que eles passam a chamar de dia do duplo D, ele chega com uma passagem de avião só de ida, que o levará para algum destino, pois ele lamenta o distanciamento consumado, lamenta sua inabilidade em acessá-la, bem como sua constatação em perceber-se como parte do problema da esposa. Não porque ele

a faz lembrar-se da perda dos filhos, mas por sua incapacidade em estar com ela, onde e na condição miserável que ela se encontra, e por tudo isto, para não aumentar a infelicidade de sua amada esposa, pela evidente dicotomia que suas visitas impõem, e mesmo ele dizendo para ela nunca desistir – outro bordão no filme – levanta-se do chão, onde estão sentados, e, despedindo-se, beija-a na testa. Ela o impede; eles conversam; ela rasga os papeis da passagem de avião; e o duplo D, de Decisão sobre o Divórcio, e a vida deles, está firmado e passa a ser comemorado como recomeço, renascimento. Lembrando que decisão é o ato de renunciar a algo, ou algumas coisas, é desapego, é o não olhar para atrás! Como Orfeu!

A vida recomeça, ela entre altos e baixos, ele sendo “o chão”, sua base sólida, seu esteio. Certamente ele já apreciava, mas, evidentemente, aprimora seus conhecimentos sobre artes, numa desesperada tentativa de manter-se conectado a ela, e enquanto trabalha como pediatra, em uma de suas consultas, recebe a ligação dela, numa clássica crise de ansiedade, tendo como pano de fundo uma intercorrência profissio-

nal. Habilmente, ele sustenta o atendimento pediátrico e em instantes reorganiza a curadoria da esposa, que havia sofrido alterações, e concomitantemente, este também é dia de celebração do duplo D, que por conta da necessária reorganização das obras que serão curadas, ela vai se atrasar para a celebração, então, ele se propõe a ir buscar algumas obras faltantes para agilizar o trabalho da esposa.

Percebam que o amor é evidente, assim como um certo apego, não é verdade? A sintonia entre eles está maculada, descompassada. Ele vive a vida para ela, e por ela, dando indícios de relação simbiótica, ou caminhando para isto. Nesta releitura, proposta pelo filme, podemos perceber, às vezes, a esposa identificada com Eurídice e o marido com Orfeu; em outros momentos, sintonicamente, os papeis se invertem.

Ele faz o combinado, e faticamente também é envolvido num acidente de carro, e morre. Ela perde o chão, o esteio, e desaba. O luto que ela experimenta é dilacerador, obviamente o estado depressivo revigora atordoantemente, e assistida por um psiquiatra, aceita sua orientação de

registrar suas impressões num diário, pondo-nos a par de seus pensamentos, sentimentos e intenções. Ele “acorda” no céu, é muito interessante, lúdico e poético a maneira em que o Céu, o Purgatório e o Inferno são abordados e apresentados ao telespectador. – *Vejam o filme, acreditem, é melhor que isto.* E não estou contando tudo! – No céu, ele é recebido e orientado por rostos conhecidos, passa por um processo / tempo de adaptação, toma consciência da própria morte; e vai rever a esposa. Ela sofre sua ausência e paradoxalmente percebe sua presença, e sofre ainda mais, incapaz de compreender a situação, pois ele está ali sem o corpo físico. Mas ele compreende, e a contragosto, na esperança de evitar aumentar a infelicidade da esposa, despede-se, mais uma vez com um beijo fraterno, e volta para o “seu céu”, deprimido, mas também, agora disponível, para finalmente, começar a experimentar os lutos balsâmicos, negligenciados de outrora, justamente porque ele estava tão ocupado em viver a dor da esposa, que não viveu ou processou o próprio luto. Outra palavra boa para isto é distração. Quantos de nós, neste ou em outros, ou em muitos outros momentos; não estamos DIS-

TRAÍDOS com banalidade e/ou situações nobres e importantes, mas ainda negligenciando nossas próprias demandas?!

Nesse meio tempo a esposa mergulha mais profundamente em seu abismo existencial, e desta vez, obtém êxito no suicídio, conjurando assim, a “segunda” morte, como Eurídice!

O marido é avisado, a princípio alegre-se, pensando que reverá a esposa, mas é surpreendido, pois suicidas são atraídos e mantidos no inferno, ou melhor, em seus respectivos infernos, e não há nada a ser feito, pois as pessoas que estão no inferno, seja qual for, são incapazes de perceber a realidade, negando as próprias falhas, culpas ou desatinos. Ele insiste, dizendo que são almas gêmeas, que pode encontrá-la e trazê-la de volta. E obstinado, assim como Orfeu, convence seu orientador a guiá-lo até os infernos, e à medida que trilha esta jornada, continua elaborando seu luto, iniciado, exitosamente, antes da morte da esposa. Eles chegam, numa releitura apresentada pelo filme, magistralmente, do que seria o Caronte (barqueiro) do mito Orfeu, e seguem juntos por um período, até o ponto que ele deve seguir por sua conta e



risco. O barqueiro lhe dá as últimas instruções e advertências, entre outras orientações; o tempo é curto, não para o inferno ou para o céu, para sua sanidade e consciência de si, imerso na loucura do outro, no caso a loucura infernal da esposa.

Cabe aqui mais uma reflexão sobre nossas próprias escolhas, mesmo, e tanto pior, se nossas escolhas forem o não escolher! Pois, inadvertidamente, alguém o fará por nós, com nossa implícita anuência, seja consciente ou inconscientemente.

O cenário do filme é carregado de simbolismos, externamente é um local sombrio, alternando a luminosidade, trata-se do interior da abóboda de uma basílica de ponta cabeça, vejam só, todo e qualquer vínculo de um suposto *religare divinus*, está de “pernas pro ar”. Dentro de um dos gomos da abóboda, está a casa original do casal, mas em ruínas, completamente desestruturada, suja, sem iluminação, ou qualquer recurso de infraestrutura, sinalizando a queda e cisão do ego, inviabilizando a comunicação arquetípica do eixo Ego-Self, e conseqüentemente qualquer função estruturante de conteúdos conscientes ou inconscientes.

O marido entra na casa, lembrando das recomendações do filho: “lem-

bre-se do que disse para ela, quando nós morremos, e que a trouxe de volta.” – sobre a essência do duplo D. A porta se abre magicamente, e ele entra na caoticidade daquele lar, encontrando-a; ela não o reconhece; ele se apresenta como um novo vizinho; estabelece uma conversa; ela surta com uma aranha, e embora ele não consiga ver completamente a mesma realidade da esposa, acolhe a loucura dela e neutraliza a ameaça. Ela se acalma, um vínculo de confiança frágil se forma e eles retomam a conversa, com ele trazendo elementos do drama da vida de ambos, como se contasse só da vida dele próprio. Até que pergunta sobre os filhos dela, ao que ela reage, mandando-o embora; ele dissimula e retoma a conversa. Completamente alheira à própria condição, ela acredita que ao morrer, o indivíduo deixa de existir, ele diz que não, que ela pode ver os filhos, que é como pintar. Ela quer ver o marido, e ele emocionado a orienta com uma lembrança feliz, eles quase conseguem, mas ela não suporta e surta mais uma vez. Ele lamenta, e faz uma declaração de amor tão genuína e verdadeira, que só por isto, valeria a pena assistir ao filme todo – ele sai da casa, vai até seu orientador, revela

sua decisão, envia mensagem aos filhos e agradece despedindo-se. Volta para dentro da casa, amistosamente, aproxima-se da esposa, e entre outras coisas diz que a perdoa, e ela questiona se o perdão é sobre ela ter matado os filhos e o marido; e ele responde sorrindo que não, mas a perdoa por ele ter escolhido o inferno ao céu, só para se juntar a ela.

Vejam que interessante, além de toda a poesia envolvida, é também explícito a jornada interior que o marido percorre, seja tomando consciência da própria condição de morte; na medida do possível, desapegando-se da esposa ainda viva; processando e ressignificando o luto pelos filhos, empreendendo a jornada, quase como a de Orfeu por sua Eurídice, indo do paraíso ao inferno, passando pelas zonas umbralinas, até o inferno suicida de sua esposa, que desperta no exato momento em que ele se entrega, e ambos são alçados ao estado celestial. E já no finzinho do filme ela diz: “Às vezes, quando você perde, ganha!”.

É lindo e impressionante a possibilidade ilustrativa deste filme, atuali-

zando e permitindo a imensa aproximação com o Mito de Orfeu, que vai além do exposto neste estudo. E fecho as citações, com mais uma nota de rodapé, das obras de Junito, evidenciando o sincretismo e a perspectiva popular sobre o além:

*“Em princípio, Além ou Mundo do Além não se confunde com Outro Mundo. O Além é o domínio misterioso para onde se encaminham todos os homens após a morte. É diferente do Outro Mundo, que não é um Além, mas um duplo de nosso mundo, na medida em que seus habitantes podem dele sair ou entrar, quando assim o desejarem. Podem até mesmo convidar simples mortais (Ganimedes, Tirésias, Sísifo) para visitá-lo ou lá permanecerem por algum tempo. Do Além, a não ser em circunstâncias especiais (reencarnação, Teseu, Orfeu, Enéias...) ninguém sai. O Outro Mundo é, por definição, o mundo dos deuses, em oposição ao mundo dos homens, vivos ou mortos, indo estes últimos para o Além. O Outro Mundo escapa às contingências do tempo e da dimensão. Seus habitantes são imortais e podem se encontrar, não importa o lugar ou o momento. Num impera a luz; no outro, as trevas.”* (Brandão, Vol. I, 2015, p. 332(32)). – Itálicos do original

E finalizo com singela homenagem e oferecimento.

Amo e tenho uma profunda gratidão pelo ator, referido no filme e estudo deste artigo, que foi capaz de interpretar ao longo de sua carreira, e brindar-nos magistralmente, com vários personagens gigantes que exalavam sensibilidade, verdade e significado, mas que, obviamente, – considerando e reconhecendo as limitações de minha perspectiva –; talvez por causa das próprias demandas existenciais, ele próprio não tenha conseguido ser autobeneficiado com o tamanho e serviço de sua obra. Portanto, peço licença para dedicar este artigo a Robin William, que ele possa receber e se beneficiar, onde quer que esteja, de todo o AMOR que possamos emanar, neste momento e sempre que for lembrado. Gratidão!!!

Gratidão também, a você, caro leitor, por seu tempo e atenção. Tive a honra, responsabilidade, e acima de tudo, alegria em participar, como colaboradora e parceira, de todas as edições de nossa Revista Mitologia Aberta, até aqui; e desta vez, me despeço com um: Até Logo! Vou me ausentar como escritora, por algumas

edições, mas certamente ativa como leitora, e disponível, como sempre, para os que quiserem enviar perguntas ou comentários, lembrando que os contatos de todos os colaboradores constam na seção Panteão de Colaboradores, no final da revista.

Grande Abraço;  
Beijo no Coração; e  
Até Logo!

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. Versão para eBook - São Paulo: Giosa-Atenas Editora, 2003.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia Grega. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BULFINCH, Thomas O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 2006.
- CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2007.
- ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

- STEPHANIDES, Menelaos. Prometeu, os homens e outros mitos. São Paulo: Odysseus, 2001.
- Coleção Mitologia – Abril Cultural – Editor: Victor Civita. Copyrighty Mundial 1973.

Sites acessados entre 29 de Abril 2021 e 05 e 07 de Maio 2021.

- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orfeu>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aristeu>
- <http://anamargens.blogspot.com/2006/06/orfeu-e-eurdice-lendas-emitos.html>
- <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/download/13982/10676>
- [https://www.youtube.com/watch?v=Pr9LHIB1eYk&list=PLe\\_B1AmZvQBxL\\_Uw9VopeqVPV2zdQrVWF&index=15](https://www.youtube.com/watch?v=Pr9LHIB1eYk&list=PLe_B1AmZvQBxL_Uw9VopeqVPV2zdQrVWF&index=15)
- [https://www.youtube.com/watch?v=usY6Y\\_tzHrU&list=PLe\\_B1AmZvQBxL\\_Uw9VopeqVPV2zdQrVWF&index=16](https://www.youtube.com/watch?v=usY6Y_tzHrU&list=PLe_B1AmZvQBxL_Uw9VopeqVPV2zdQrVWF&index=16)

Filmes:

What Dreams May Come: (em pt.)  
Amor além da Vida.

# Além do contato com muitas obras sobre miologia, filosofia e psicologia, especialmente a junguiana.

# UNIVERSO COSMOGÔNICO SUMÉRIO

POR VITOR FILIPPO DIAS

O culto às divindades na Mesopotâmia teve uma forte influência Suméria, irradiando-se por todo o Oriente Médio. Não por acaso, não apenas Babilônicos e Assírios fundamentaram-se neste contexto divino, povos como os Elamitas, os Hititas e os Cananeus também foram influenciados, assim como tantos outros que habitavam o Antigo Oriente Médio. Samuel Kramer defende essa tese, “Os contos e a concepção da mitologia Suméria devem ter penetrado e permeado por todo o Oriente Médio.” (Kramer, 1997, p. 28 – 29). A literatura Suméria, datada de aproximadamente 2000 a. C., antecedeu criações literárias dos hebreus; a Ilíada e a Odisséia, preenchidas com a tradição épica e mítica dos gregos; RigVeda, que contém os produtos literários da Índia antiga; e a Avesta, que contém

os do Irã antigo, nenhuma dessas coleções literárias e míticas foram escritas posteriormente à primeira metade do primeiro milênio a. C.

*“Assim, a antiga religião mesopotâmica foi condicionada a uma visão pluralista, ao politeísmo e à multidão de deuses e aspectos divinos que ela reconhecia.”*

(JACOBSEN, 1976, p. 11 - tradução nossa).

O universo no pensamento dos Sumérios era composto entre o céu e a terra, que eram governados respectivamente pelo Deus do Céu, *Na*, e pela Deusa da Terra, *Ki*. Da união dessas duas divindades se fez *Enlil*, Deus do Ar. *Enlil*, sem sombra de dúvida, é o principal Deus do panteão Sumério, aquele chamado de Deus dos Deuses, Rei dos Deuses, e



também foi aquele, aos olhos dos sacerdotes Sumérios, que dividiu o Céu e a Terra, criando um vácuo de ar entre os dois. O Céu continuou sendo governado por seu pai, *Na*, e seus *Anunnakis*, já a Terra passou a ser regida por *Enlil*, deixando sua mãe, *Ki*, em segundo plano. Posteriormente, *Ki* passaria a ser conhecida como *Ninhursag*, a Deusa Mãe da Terra. Assim, *Ninhursag* se manteve na terceira posição hierárquica no panteão sumério. (Kramer, 1997, p. XIII).

Coube ao próprio Deus do Ar encarregar-se da organização da Terra. Segundo Samuel Kramer:

*“O Deus do Ar, Enlil, designado como ‘o pai dos deuses’, ‘o rei do universo’, ‘rei de todas as terras’, foi responsável pelo planejamento de todas as suas características mais produtivas, especialmente a vegetação essencial para homens e animais. Foi o próprio Enlil que formou a picareta e, provavelmente, o arado como os protótipos dos implementos agrícolas para ser usado pelo homem.”*(Kramer, 1997, p. XV).

Em geral, foi *Enlil* quem elaborou a execução dos métodos para a próspera civilização que seria criada

na Terra, porém sua realização coube ao Deus da Água e da Sabedoria, *Enki*.

*Enki* encheu com suas águas os rios Tigre e Eufrates, para assim criar vida, também se encarregou das criações das atividades agrícolas e ainda multiplicou os gados e cobriu o campo de vegetação verde. O culto a *Enki* chegou a tal ponto na Suméria que chegou à terceira posição na hierarquia dos Deuses Sumérios, sobrepujando *Ninhursag*.

O esquema da organização do universo baseia-se em nove mitos Sumérios, cujo conteúdo temos agora totalmente ou em grande parte. *Enlil e Ninlil: A Geração de Nanna / A Jornada de Nanna para Nippur / Emesh e Enten: Enlil escolhe o Deus Agricultor / A Criação da Picareta / Gado e Grão / Enki e Ninhursag: Os Apuros do Deus da Água / Enki e Suméria: a Organização da Terra e os Processos Culturais / Enki e Eridu: a Jornada do Deus da Água para Nippur / Inanna e Enki: a Transferência das Artes da Civilização de Eridu para Erech.*

Um dos mitos citados acima é *Emesh e Enten: Enlil escolhe o Deus Agricultor*, que consiste de 300

linhas, e apenas metade está completo.

O poema se inicia da seguinte maneira: *Enlil*, o Deus do Ar, colocou em prática a criação de árvores e gados e estabeleceu a abundância e a prosperidade na terra. Dois Deuses foram criados, os Deuses irmãos *Emesh* (árvore, campo) e *Enten* (gado), e *Enlil* assegurou suas específicas funções.

*“Enten fez a ovelha para dar à luz ao  
cordeiro, a cabra dar à luz a uma  
criança.*

*Vaca e vitela que ele as multiplicou,  
muita gordura e leite ele produziu.”*

*“Emesh trouxe à existência as árvores e  
os campos, ele fez grande os estábulos  
e os currais.*

*Nas fazendas ele multiplicou a  
produção.”* (Kramer, 1997, p. 49 - 50).

Posteriormente há um violento debate entre os dois irmãos. Alguns argumentos são colocados, e finalmente *Emesh* desafia *Enten* para conclamar a posição de “Agricultor dos Deuses”. E então eles se dirigiram à cidade de Nippur para esclarecer o caso com *Enlil*.

Então *Enlil* dá o seu veredito:

*“Enlil respondeu a Emesh e Enten:  
‘A produção vital de água em todas as  
terras, Enten é ‘conhecido’;  
Como o agricultor dos Deuses ele  
produz de tudo,  
Emesh, meu filho, Como você se  
compara com Enten, seu irmão?’”*  
(Kramer, 1997, p. 51).

Nesta passagem se verifica que *Enlil* escolhe *Enten*, aquele que é o Deus do Gado. O poema termina com a reconciliação entre os dois irmãos:

*“Emesh presenteou Enten com ouro,  
prata e lápis lazuli,  
Sua irmandade e amizade, felicidade  
continuou.”*

*“Enter, o agricultor firme dos deuses,  
provou ser maior que Emesh,  
... O Pai Enlil, seja louvado!”* (Kramer,  
1997, p. 51).

## REFERÊNCIAS

- BLACK, J.; GREEN, A. Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia An Illustrated Dictionary. London, The British Museum Press, 1992.
- 
- BOTTÉRO, Jean. No começo eram os deuses. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- JACOBSEN, Thorkild. The Treasures of Darkness. EUA, Yale University, 1976.
- KRAMER, Samuel Noah. History begins at Sumer: Thirty-nine firsts in recorded history. University of Pennsylvania press; 1988.
- KRAMER, Samuel Noah. Sumerian mythology. University of Pennsylvania Press, 1997.

# MITO, MÚSICA E TRANSFORMAÇÃO: ORFEU CONTINUA DESCENDO AO HADES

JULIO CÉSAR NUNES ITO

## Introdução

A música, desde os tempos primordiais, é sentida como portadora de propriedades mágicas que tocam a alma humana. Basta que lembremos de uma experiência um tanto quanto coletiva: quando nos damos conta, já estamos batendo os pés ou mexendo as mãos e dedos, tentando acompanhar o ritmo de uma música. A sua etimologia talvez esclareça melhor esse atributo mágico: a palavra música é habitada pelas nove musas gregas, as divindades da música na Mitologia Grega. Elas são filhas da união de Zeus, o regente do Olimpo, com Mnemosine, a titânide da memória. Nesse sentido, a música é concebida como a arte das musas.

Feito essa breve introdução mitológica, o que nos interessa neste texto é uma figura mítica em especial: Orfeu, exímio músico e poeta, filho de Calíope – a primeira musa e a mais importante – com o rei Eagro. Sua excelência musical era tal que acalmava com amorosidade os corações raivosos de homens irados, os animais silvestres faziam fila para segui-lo, a natureza curvava seus troncos e galhos para ouvi-lo e, numa fase posterior de seu mito, interrompeu as ininterruptas punições no Hades (BRANDÃO, 1997; GRIMAL, 2014).

Através do mito de Orfeu, espero poder nesse artigo continuar o resgate e construção do trabalho formalmente estabelecido no ano de

2018<sup>1</sup> sobre a relação da música com as profundezas da alma.

### A descida musical ao mundo das trevas

Como já introduzido, Orfeu descende da mais importante das nove musas: Calíope. É filho do rei Eagro e, em algumas variantes do mito, seu pai é o deus Apolo. Paternidades à parte, seu próprio nome (Orpheus) já contém algo de seu mito: em grego, “orphnós” é obscuro, e “órphne”, obscuridade (BRANDÃO, 1997). Ele é apaixonado pela sua amada Eurídice, uma dríade (ninfa das árvores). Considerava-a como sua *dimidium animae eius*, sua alma metade (BRANDÃO, 1997). Os dois se casam após o retorno de Orfeu da viagem dos Argonautas. Certo dia, Eurídice estava a passear à beira de um rio até que Aristeu, o apicultor, a avista e começa a persegui-la na tentativa de violá-la. Eurídice corre e, no meio da fuga, pisa em uma serpente que lhe desfere uma picada mortal. Eurídice está morta. Orfeu, desolado. Inconsolável, ele decide buscar sua amada no mundo das trevas. Empunha sua lira e parte para a sua jornada em direção ao Hades: local que somente deuses como Hermes

transitam livremente ou os mortos que só tem passagem de ida.

Para começar, Orfeu precisa adentrar o barco de Caronte, o guia que conduz as almas ao portão do mundo das trevas. Somente os mortos<sup>2</sup> possuem esse acesso, porém, Orfeu estava bem vivo. Chegando lá, contou sua história e tocou sua lira que imediatamente encantou o barqueiro infernal. Este o conduziu ao portão do Hades guardado pelo terrível Cérbero, o cão de três cabeças. O cão tinha a função de guardar a entrada dos vivos e, por outro lado, impedir que os mortos saíssem de lá. Mais uma vez, exercendo sua atividade musical, Orfeu encanta a terrível fera mitológica e a coloca para dormir. Adentrando o submundo, ele se encontra com os regentes do mundo das trevas: Hades e Perséfone. Ambos se comovem com a atitude órfica e concedem permissão para o retorno de Eurídice com uma única condição: que, no caminho infernal de retorno, Orfeu fosse seguido por Eurídice e que ele não olhasse para trás, não importando o que acontecesse, enquanto o casal não tivesse deixado completamente o mundo das trevas.

No mito, em sua forma mais regular, Orfeu ao chegar próximo à saída do



Hades é perturbado por uma grande inquietação que o impulsiona a olhar para trás e a perder Eurídice para sempre. Em algumas variantes do mito, Orfeu é bem-sucedido em resgatar sua amada. De todo modo, o interessante aqui não é nos certificarmos a respeito do sucesso ou da falha de Orfeu na empreitada do resgate de sua alma metade, mas sim em nos atentarmos que em ambos os casos ocorre o movimento de descida às profundezas por amor à Eurídice através da musicalidade.

É comum que um único mito abarque uma série de mitologemas ou motivos que são temas que se repetem sempre e de novo como a descida, o herói sendo engolido pelo dragão-baleia, a criança divina, o desmembramento, a queda do rei, o renascimento etc. O mito de Orfeu continua após sua saída do Hades e contempla diversos mitologemas, porém, para esse texto em questão, valer-me-ei do motivo mitológico da descida ao mundo das trevas que, segundo Jung (2013, para. 80) “expressa o mecanismo da introversão da mente consciente em direção às camadas mais profundas da psique inconsciente”. O mitologema da descida é conhecido

pelos gregos como *katábasis*: de maneira geral, a pessoa para ser iniciada deve descer ao mundo das trevas e essa dinâmica exerce uma função ritual de iniciação onde simbolicamente ocorre sua morte para que então possa emergir renovada (BRANDÃO, 1997).

### Amplificador musical

Ao contrário de alguns mal entendidos, o método da amplificação proposto por Jung não é uma soberba demonstração de erudição. A amplificação “[...] consiste em simplesmente estabelecer paralelos” (JUNG, 2013, para. 173). Tem como objetivo decifrar e enriquecer a compreensão e precisão sobre os possíveis significados de um determinado fenômeno psíquico – imagens, sonhos, sintomas, devaneios, obras de arte, filmes – que se apresenta de forma obscura para a consciência.

*“A “amplificatio” recomendada sempre que se trate de uma vivência obscura, cuja vaga insinuação deva ser multiplicada e ampliada através de um contexto psicológico a fim de tornar-se compreensível.”* (JUNG, 2012, para. 403)

Ou seja, a amplificação nos ajuda a lançar luzes no conteúdo que se pretende compreender através de imagens semelhantes encontradas no legado coletivo da alma humana: mitos, contos de fada, contos populares, literatura, música etc. “Aí tentamos colocar a fórmula que adquirimos através do conhecimento de outros textos frente à passagem que nos trouxe dúvida” (JUNG, 2013, para. 173).

Musicalmente, o método de amplificação pode ser comparado à seguinte situação: uma guitarra desplugada, caso seja tocada, será uma fonte sonora, porém, de um som embrulhado, sem cor, sem brilho, inespecífico, obscuro e, dependendo do guitarrista, teremos maior dificuldade em compreender do que se trata sua sonoridade, pois ela foi feita para tocar de forma elétrica - daí no inglês a denominação de *electric guitar*. Quando “plugamos” uma guitarra num amplificador, - caixa de som elétrica - o som conseqüentemente ganhará mais volume, maior precisão e definição, mais cores e, o mais importante: tudo isso sem perder o conteúdo sonoro base. Tudo que é tocado será amplificado pela caixa de som. Ou seja, não há um afastamento do conteúdo e sim uma aproximação dele.

Fazendo um teste nesse amplificador podemos tocar algumas notas a respeito da música: na obra *A Metamorfose* de Franz Kafka, a irmã do protagonista toca violino e sua música o faz caminhar até a sala; no romance *Musashi* de Eiji Yoshikawa, o protagonista *rōnin* (samurai peregrino) é atraído pela melodia de uma flauta durante uma noite em que tenta se refugiar; os marinheiros são seduzidos pelos cantos das sereias; e assim poderíamos continuar *ad aeternum* com uma série de imagens semelhantes que, como pudemos verificar pela amplificação, estão tratando de um tema em comum: a propriedade da música de enfeitiçar o ouvinte.

Voltando ao lendário músico e poeta, façamos mais uma amplificação: o signo (glifo) astrológico de Orfeu é caracterizado por dois semicírculos em oposição, unidos nas respectivas bases por uma haste horizontal e uma linha vertical descendo do meio dessa haste (Figura 1).



Figura 1 - glifo astrológico de Orfeu  
Fonte: autor.

Os semi-círculos representam a receptividade – nesse caso, para ambos os lados – bem como a alma: duas almas em oposição. O que ajuda a nossa amplificação em questão é o fato de Orfeu considerar Eurídice sua *dimidium animae eius*. A meia-lua também se refere a uma relação por meio do sentimento. Orfeu de um lado, Eurídice de outro. Orfeu como ego em busca de sua Eurídice. Aqui, ambos estão em oposição, porém, faz-se importante lembrar que Orfeu decide resgatar Eurídice e, para isso, empunhando sua lira (Figura 2), realiza a descida ao Hades.



Figura 2 - desenho de uma lira.

Fonte: Fonte: Favpng.com<sup>3</sup>

Em sua estrutura formal, a lira é análoga ao signo astrológico de Orfeu, porém, com um detalhe que faz toda a diferença: as “almas em oposição” representadas pelos semicírculos realizam uma conjunção através de uma ponte de cordas musicais. Emitindo sons e fazendo música, as cordas são, para essa figura mítica, a via de acesso ao Hades. A lira, representando a músi-

ca, portadora de propriedades que transcendem o intelecto e favorecem a sensibilidade, torna-se então um canal essencial para a empreitada de Orfeu ao Hades.

A música então torna-se um psicopompo, uma guia de almas:

*"De que magia a música retira este poder de nos transportar de um estado para um outro? Do ponto em que estávamos antes de pegar esse meio de transporte, eis-nos em outro ponto, após uma estranha viagem cujos meandros eu gostaria de tentar delinear"* (DIDIER-WEILL, 1997a [1976], p. 57-58).

Noto que a cada vez que estou em algum processo de criação, seja compondo um verso para uma música nova ou trabalhando os próprios sons, é como se eu visitasse uma Eurídice no meu próprio Hades.

Quando uma música nos toca, é como se nos (re)encontrássemos com uma questão viva que até então estava adormecida. A música então simbolicamente atuaria como Orfeu no mito: nos levaria para lugares obscuros e vitais. Nesse sentido, talvez a música “que não sai da cabeça” ou aquele enérgico cantarolar catártico num show ou debaixo do chuveiro seja uma forma da alma co-

comunicar questões próprias que foram despertadas pela música, que a convidaram para a dança. O grude como meio expediente para nos conectar com uma questão importante. O canto como forma de fixar – e, por que não elaborar, digerir psiquicamente? – algumas respostas-questões na própria alma: ao passo que sou tocado pela música-questão, canto uma música-resposta que, por sua vez, poderá gerar outros questionamentos.

Voltemos ao mito: Orfeu vai atrás de um alguém, ou melhor, de uma figura que lhe é muito cara. Não ousou definir aqui o que de fato representa essa figura, pois para cada Orfeu haverá uma figura-Eurídice que, por conseguinte, poderá assumir múltiplas formas. Ao mesmo tempo que uma música nos toca ou tentamos tocá-la, como num processo de composição, é como se ocorresse o movimento da descida de Orfeu desejando reencontrar sua Eurídice nas profundezas do submundo.

### Notas finais

Ain't no sunshine  
 Ain't no sunshine when she's gone  
 It's not warm when she's away  
 Ain't no sunshine when she's gone  
 And she's always gone too long  
 Anytime she goes away (WITHERS, 1971).

Orfeu vivo adentrou o mundo dos mortos tocando sua lira para resgatar sua amada Eurídice. Esse evento jamais aconteceu literalmente em uma época ou local determinados, entretanto, podemos dizer que essa cena está simbolicamente acontecendo a todo momento. Independentemente se Orfeu teve êxito ou fracasso em resgatar sua alma metade, a imagem de sua descida ao mundo das trevas através da música permanece ressoando em nossas almas.

Inspirado por uma cena narrada 4 pelo mitólogo Joseph Campbell (2002), não diria que alguns de nós estão agindo como Orfeu, mas que estão sendo Orfeu. Vejo-me otimista ao imaginar que, no caso de falha no resgate de Eurídice, a inevitável experiência da perda talvez fizesse Orfeu cantar mais e melhor. Seria uma daquelas experiências fortalecedoras.

Neste parágrafo final, ocorreu-me que a expressão “o canto do cisne” talvez sintetize o que venho buscando com esse texto: popularmente, ela se refere ao esforço final de uma pessoa para realizar algo de notável antes de sua morte. No mito de Er de Platão (1991) onde as almas podem escolher a próxima vida, o cisne é o

animal escolhido pela alma de Orfeu para renascer, ou seja, é um símbolo deste. A música torna-se um meio não só de acesso, mas de expressão e transformação da experiência do sofrer: musicar em vida é diferente de musicar em direção ao ou no próprio Hades. O canto do cisne, nosso Orfeu, então remeteria às nossas próprias tentativas musicais de acessarmos nossa Eurídice no mundo das trevas e, através dessa experiência simbolicamente fatal, retornarmos diferentes, com a alma alargada.

## NOTAS

1) ITO, J. C. N. Música: uma possível ampliação de recursos no setting analítico. *Junguiana*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 9-18, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010308252018000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010308252018000100004&lng=pt&nrm=iso)>.

2) Os mortos são obrigados a pagarem com uma moeda a travessia de barco para a outra margem do rio Aqueronte, meio de travessia para chegar ao Reino de Hades, que está

cheio de lodo, junco e quase estagnado. Explica-se assim o costume de deixar uma moeda na boca de cada morto. Cf. GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

3) Disponível em: <[https://favpng.com/png\\_view/musical-symbols-lyre-harp-musical-instruments-png/ekMsAk26](https://favpng.com/png_view/musical-symbols-lyre-harp-musical-instruments-png/ekMsAk26)>. Acesso em 16 fev. 2021.

4) Joseph Campbell, numa entrevista de rádio, pediu um exemplo de metáfora para o radialista que o entrevistava e este respondeu que seu amigo era rápido como um cervo. Em seguida, Campbell corrigiu-o dizendo que seu amigo era um cervo. Essa cena marca o (mal) entendimento sobre o mito se expressar metaforicamente. Cf. CAMPBELL, J. *Isto és tu: redimensionando a metáfora religiosa*. São Paulo, SP: Landy, 2002.



## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. S. Mitologia grega. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. v. 2.
- CAMPBELL, J. Isto é tu: redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo, SP: Landy, 2002
- DIDIER-WEILL, A. Nota azul: Freud, Lacan e arte. Tradução: Cristina Lacerda; Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.
- GRIMAL, P. Dicionário da mitologia grega e romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- JUNG, C. G. Psicologia e alquimia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Obras completas de C. G. Jung, v. 12).
- JUNG, C. G. A vida simbólica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Obras completas de C. G. Jung, v. 18/1).
- PLATÃO. Diálogos [Banquete; Leis; República(IV a.C.)]. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores)
- WHITERS, B. Ain't no sunshine [1971]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=YuKfiHOScao&ab\\_channel=BillWhitersVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=YuKfiHOScao&ab_channel=BillWhitersVEVO). Acesso em: 19 fev. 2021.



## LIVRO: MITOLOGIAS - Mitologia Ao Alcance de Todos: Os Deuses do Egito Antigo

**AUTOR: Alexandre A. Mattiuzzi**

POR LARISSA DIAS

Este livro me impressionou muito logo que eu o adquiri. Suas páginas muito ilustradas, trazem de uma forma muito didática boa parte da história mítica do Egito Antigo.

O livro aborda ao todo 23 divindades, mas as histórias que são contadas são bem completas e sempre fazem referência a outros deuses. Isso deixa a leitura muito fluída e permite que se leia sobre Set, por exemplo, entendendo também a sua história que se intercala com a de Hórus e Osíris.

O primeiro capítulo traz as histórias da "Criação do universo" segundo a mitologia egípcia e os deuses que participam desta criação, como Nun (oceano primordial), Nuit (a noite) e Rá (o Sol).

O segundo capítulo traz os deuses do "Além", do mundo dos mortos, como Thoth (e Thoth, em sua biblioteca, indicando um livro que conta sua própria história!), Set, Anú-



bis e Osíris. O terceiro capítulo traz "o Trono" e deuses ligados a história de Hórus e Ísis. Já o quarto capítulo, traz deuses ligados ao "Povo", como Bes e Taweret.

Este livro é muitíssimo interessante e vale muito a pena a leitura!



**ARTISTA:** Therion

**MÍDIA:** Secret Of The Runes

POR ANDREIA MORGAM

Tive a honra de ser convidada pela digníssima Larissa Dias, para escrever um artigo sobre mitologia para a revista. Como ela bem sabe sobre a minha mestria sobre runas, assunto sobre o qual também escrevi o livro "Aos Mestres das Runas", no qual falo sobre a passagem para os futuros mestres das Runas com as vivências das Runas, os aspectos de personalidade, energia e oráculo. Abranjo também a analogia das runas com o Tarô e a Astrologia (visto que sou uma entendedora de ambos os assuntos), e por não ser uma religiosa da fé nórdica e sim uma estudiosa de comportamento humano e fé antiga, tenho a liberdade de fazer a analogia dos assuntos, lembrando que não é porque fazemos essa comparação entre os assuntos que os povos na época aplicavam e/ou detinham esse conhecimento, é apenas um correlacionamento, que mostra que tudo se conversa e só se muda os nomes das coisas. Atualmente meu livro está passando por uma revisão técnica para a segunda edição e a modificação de sua diagramação, portanto, suspendemos a venda por enquanto.



Também no passado eu tive algumas bandas e uma delas era de *gothic metal*, em que fazíamos covers de diversas bandas do *metal sinfônico* e *gothic metal*, e uma delas era a Therion. Tive outros contatos com a música, e o último foi um trabalho autoral voltado para o progressivo, que não tinha nada a ver com o *gothic*, e cujas letras se baseavam em situações agravantes do cotidiano.

### Um pouco sobre a banda Therion

Antes de falar do CD que me tocou profundamente, vou falar um pouco da banda que o criou - Therion. A banda Therion é de origem Sueca, formada em 1987 pelo músico Christofer Johnsson. As letras das

# VITROLA DE ORFEU



músicas do Therion se baseiam em diversas mitologias do mundo, e seu foco é a magia, o ocultismo. O estilo musical está voltado para o *Gothic Metal* e/ou *Symphonic Metal*. É uma banda conhecida por ter muitos músicos e a participação de vários vocalistas, inclusive a relativa alteração constante dos mesmos. A Banda teve vários lançamentos de álbuns e logicamente titularizados com várias esferas de mitologia até chegar no álbum que irei relatar. Atualmente a banda está ativa, chegando seu aniversário de 34 anos de estrada.

## Sobre o álbum

Em 8 de Outubro de 2001 Therion lançava o álbum *Secret Of Runes*, e eu, como fã da banda, claro que o comprei. Na época eu não conhecia nada sobre mitologia nórdica e muito menos sobre runas, mas já me identifiquei com o álbum, que tem 11 músicas tratando da mitologia nórdica, sendo 9 delas (que vai da faixa 2 até a 10) falando sobre a árvore Yggdrasil e os nove mundos. Duas das onze músicas ainda tratam da mitologia nórdica, porém a faixa “01 – *Ginnungagap*” seria o vazio, o grande buraco negro que existia entre

o mundo de *Nilfeheim* e *Muspelheim* antes da criação. Segundo a mitologia nórdica a criação veio da junção de *Nilfeheim* e *Muspelheim* e deu origem aos outros 7 mundos e suas criaturas. Esse álbum veio com 2 faixas adicionais – 12 e 13, que não remete à mitologia, são faixa que chamam de “Bonus Track” – “Faixa Bônus”. Mas o seu foco está nas 11 primeiras faixas, que conduzem o nome do Álbum.

## Sobre as faixas

\*Faixa 01 / *Ginnungagap*: (Ymer, o ancestral de todas as criaturas vivas, nasceu graças ao fato de que no norte o Nifelheim explodiu uma fonte de água que atingiu o Ginnugagap, mas o vazio disso causou a formação de geada. As faíscas de Muspelheim, ao sul, também caíram em Ginnugagap, derretendo o gelo e permitindo a semente da vida e o nascimento do gigante Ymer. Mais tarde, da mesma fonte, nasceria a grande vaca Audhumla, da qual Ymer se alimentava, e dali também nasceriam outras criaturas, incluindo os deuses que mais tarde matariam Ymer, cujo corpo cobriria o vazio e criaria o mundo, mas que um dia tam-

# VITROLA DE ORFEU



bém tudo voltará ao vazio. Vergelmar: o rio que estoura em Nifelheim e depois das geadas tem o nome de Vergelmar. Urkon: outro nome para a vaca colossal da qual Ymer se alimentava. Megim: é a força sagrada que existe entre deuses, homens e objetos, e está relacionada com a capacidade de desenvolvimento de cada um (destino).

\*Faixa 02 / Midgard: O mundo dos humanos está no meio da árvore cósmica (Yggdrassil). Seu nome é Midgard, é um mundo frágil, onde as forças do caos constantemente ameaçam quebrar o equilíbrio, mas mesmo assim as folhas que crescem nesta parte cósmica da árvore são as mais bonitas. Seu nome literalmente significa "a terra do meio". Jormundgand: serpente gigante que se encontra nas profundezas do oceano e que cerca o mundo inteiro. Odin foi quem a lançou ao mar, mas os deuses sabiam que ela cresceria muito e traria muitos danos aos homens. Freixo e olmo (freixo e olmo): Odin, Vili e Ve usaram essas árvores para criar os primeiros humanos - com o freixo foi criado o primeiro homem, Askr, e com o olmo a primeira mulher, Embla. Mannaheim: outro no-

me para Midgard, significa "mundo dos homens". Runa de Jara: representa um modelo cíclico do universo: nascer, ser, crescer, morrer e recomeçar. Também está relacionado com as colheitas (devido aos ciclos).

\*Faixa 03 / Asgard: Este é o mundo dos deuses Asgard, localizado em uma montanha acima de Midgard, no meio do universo, onde as moradas dos deuses brilham como as estrelas e giram como os signos do zodíaco. Os bravos e puros de coração são trazidos para Asgard pela ponte de Bifrost para esperar o fim dos dias e lutar ao lado dos deuses. Na mitologia nórdica havia dois grupos de deuses, os Ases e os Vana, os Ases vivem em Asgard e são comandados por Odin, os Vanir moram em Vanheim e são comandados por Frey e Freya. Heimdal: É o nome do guardião do portão da ponte Bifrost, seu nome significa "montanha no céu" e ele é o deus do arco-íris e da luz. Gladheim: É um dos nomes do trono de Odin, "Terra Feliz" é o seu significado literal, a partir de lá Odin pode observar os nove mundos, também conhecidos como "Hlidskjalt", que



# VITROLA DE ORFEU



significa "casa brilhante". Walhall ou Walhalla: "Vestíbulo dos mártires" é o grande salão projetado por Odin para os Einherjar que se preparam para o Ragnarok. Einherjar: Exército de "Combatentes Únicos", de homens caídos em batalha, adotados como filhos de Odin, eles lutarão ao lado dos deuses contra os gigantes em Ragnarok. Yule-night: Festa ancestral dos Nórdicos e Celtas onde se celebrava a mudança de estação no solstício de inverno, a noite mais longa do ano; Yule significa "roda" está associada aos ciclos e ao renascimento dos deuses, no hemisfério Norte cai em 21 de dezembro e no Sul cai em 21 de julho. Bifrost: Nome do arco-íris que conecta Midgard e Asgard, que só pode ser cruzado pelos deuses.

\*Faixa 04 / Jontunheim: Em algum lugar, nos confins do mundo conhecido, você pode ouvir os passos e o tamborilar dos gigantes pesados. Eles nasceram das forças prístinas da natureza, vindos de tempos distantes, quando mesmo os deuses não existiam. Seu poder brutal só é superado por sua sabedoria, desde os tempos antigos eles fizeram ver o que os deuses ou os humanos nunca

quiseram. Localizada além do mar de Midgard, a grande serpente Jormundgand os separa, cheia de florestas mágicas, grandes distâncias, rios e montanhas gigantescas que compõem a terra dos gigantes.

Yotes é outro nome pelo qual os gigantes de Jotunheim, que são feitos de gelo e montanhas, são conhecidos. Os gigantes do fogo habitam Muspelheim, e representam a rudeza e a primitividade da natureza, as forças do caos. Jarnveden: floresta encantada, "A Floresta de Ferro", localizada em Jotunheim, onde vários gigantes tiveram filhos, todos lobos. Utgard!: Outro nome pelo qual Jotunheim é conhecido, "gabinete externo", "Outgard". Thurisaz: Esta runa representa as forças naturais, a não ação, a energia latente, mas destrutiva; está associada aos gigantes aparentemente "maus", que são a força destrutiva necessária para a mudança e renascimento. Ondas Eli: Elivagar é um mar estreito, que separa Midgard de Jotunheim, ao norte. Angerboda: Um gigante que junto com o Deus Loki (antes de um gigante, e não com ele) deu vida a grandes monstros como o lobo Fen-

# VITROLA DE ORFEU



ris, a serpente Jormungand e o monstruoso Hel. Mimer: o guardião "sábio gigante" do poço da sabedoria, Mimer ou Mimir. Manegarm: ou "Moongarm", é o mais violento de todos os lobos gerados na floresta de ferro, caça a lua todas as noites até finalmente pegá-la no Ragnarok. Resar, Thursar, Jotnar: Termos para classificar os gigantes, Resar eram gigantes muito grandes que interagem com humanos, Thursar eram gigantes destrutivos e estúpidos, Jotnar eram gigantes fortes, velhos e sábios.

\*Faixa 05/ Schwarzalbenheim: Os anões e elfos negros vivem no subsolo entre tocos e pedras, entre todas as criaturas do universo. Eles são os principais ferreiros, nas profundezas do submundo eles forjam o tesouro dos deuses, usando metais das veias da terra para criar as mais preciosas coisas. É dito que eles podem ensinar o segredo da alquimia e a criação de ouro da terra. Seu reino está sob Midgard, sendo um lugar escuro e subterrâneo (já que os seres que vivem ali temem o sol). Ivalden: Conhecido como Vidfinner ou Svigdar, é o imperador dos anões, seu nome significa "o único que tem

poder"; ele é o pai dos anões Brokk, como Eitre e Sindre, esses ferreiros extraordinários que forjaram os tesouros dos deuses (Draupnir, Mjolnir e Gullburste). Fjorgyn: ou Fjorgynn (no feminino), é uma divindade identificada com a terra. Draupnir, Mjolnir e Gullburste: São armas feitas pelos anões para os deuses: Draupnir (conta-gotas) é o anel de ouro que Odin carrega, de onde surgem novos anéis; Mjolnir (destruidor) é o martelo indestrutível do deus Thor, que voltou para ele mais tarde como um bumerangue; Gullburste é um dos javalis com cerdas de ouro da carruagem de Frey. Eles brilham, dissipando a escuridão. Micélio: É a parte subterrânea e viva dos fungos, onde o cogumelo ou a fruta se alimentam. Tocon: é a parte do tronco de uma árvore que fica presa à raiz quando é cortada de sua base.

\*Faixa 06/ Ljusalbheim: O mundo dos seres de luz, esse mundo é próximo a Asgard, onde vivem elfos e fadas, seres de beleza encantadora, esses seres semidivinos de baixa estatura e orelhas pontudas, personalidade tra-

# VITROLA DE ORFEU



travessa, capazes de se tornarem invisíveis, longevos, com magia e poderes, veem o ser humano como um ser menos evoluído. Eles agem como se um pensamento ou uma fantasia pudessem facilmente desviar você do caminho, com sua luz esplêndida, você pode subir em suas asas e ir para o céu, mas tome cuidado... em um momento eles podem deixá-lo cair. Lorde Frej: Rei de Ljusalheim, a quem os deuses deram essas terras para os Vana morarem. Alfheim: outro nome para Ljusalheim, daí a raiz Alf (elfo).

**\*Faixa 07/ Muspelheim:** O "mundo da desolação", também conhecido como Muspell, uma região tórrida e ardente, localizada ao sul de Midgard, oposta a Nifelheim. No início dos tempos sua colisão no espaço formou vida no vácuo. Assim os eventos que ocorrem em Muspelheim são descritos: do Sul vêm as forças do caos e da destruição, o último calor de Muspel logo queimará o mundo e o transformará em cinzas. O gigante do fogo, Surt Monta, com suas hordas para encontrar os deuses na batalha final de Ragnarök, mas a roda do destino girará novamente e das cinzas um novo mundo nascerá. Kaun

e/ou Kenaz: É uma runa antiga que representa o fogo, mas também representa o poder de criar, o mistério da regeneração por meio da morte. Ragnarök: O apocalipse nórdico, uma visão do fim do mundo em que até os deuses morrem, porque indica que tudo o que é... acaba! Isso começa em Muspelheim, onde gigantes e deuses se matam, então o mundo queima, escurece e afunda no oceano, as estrelas caem do céu e o tempo não existe mais, o fogo cobre todo o universo. Depois disso, das cinzas o universo renasce, e novos deuses ao lado dele. "Ragna rök" significa destino dos deuses, mas no século XII foi traduzido como "Ragna rökr", ou seja, declínio dos deuses. Muspillis: Habitantes de Muspelheim, os gigantes do fogo. Surt: O gigante (deus) mais poderoso de Muspelheim e líder dos gigantes do fogo, ele espera por Ragnarök desde antes da criação. Planície de Vigrid: lugar onde a batalha sangrenta e final dos deuses acontece. Frej: O deus que vai desarmado para Ragnarök e é morto pelos gigantes de fogo.

# VITROLA DE ORFEU



**\*Faixa 08 / Niflheim:** O misterioso mundo do extremo norte, esconde enterrado entre sua névoa e gelo a semente da vida, quando o calor de Muspel transforma o gelo de Nifel em um riacho, a criação começa a acontecer. Embora a água congelada de Nifelheim contenha a centelha da vida, antes de mais nada, este é um lugar de morte, e o mundo teme a força letal dos gigantes de gelo que habitavam essas terras desde antes da criação. Este é o mundo localizado na base da criação, e dentro dele estão Nastrand e Helheim. Vergelmers: Ou caldeira rugidora, é a nascente de água primitiva localizada em Nifelheim, onde nasceram os primeiros rios conhecidos como Elivagar. O poço está sob uma das raízes de Yggdrassil, sendo guardado por Nidhogg. Nidhögg: O roedor cadáver, é uma cobra monstruosa que roe eternamente a raiz de Yggdrassil, esta cobra come cadáveres e sempre ameaça destruir Yggdrassil. Helheim: Reino da Morte, faz parte do vasto Nifelheim. Nastrand: Ou praia de cadáveres, um lugar infernal onde Nidhogg vive e se alimenta.

**\*Faixa 09 / Vanaheim:** Segundo as escrituras da mitologia nórdica, Vana-

heim é o mundo que os deuses Vanir repousam. Esse mundo fica perto de Asgard, que é o nível mais elevado do Universo, segundo a mitologia. Os Vanir não eram deuses de guerra como os AEsir, estavam ligados à agricultura e à natureza. Apesar de serem deuses pacíficos, eles guerreavam com os deuses AEsir, mas logo se regia a paz. Os deuses que são considerados Vanir, são: Freyr, Freyja e Njord (considerados deuses da fertilidade e prosperidade).

**\*Faixa 10/Helheim:** É conhecido como o reino da morte e estava localizado na parte mais profunda, escura e sombria de Niflheim, outro dos nove mundos. Era governado por Hela, a filha monstruosa de Loki, e a entrada era guardada por um cachorro conhecido como Garm. Helheim e Niflheim são geralmente relacionados como o mesmo mundo, mas este não é o caso: Niflheim é o reino do frio, gelo e escuridão, principalmente, e, embora a morte e a perdição também sejam suas, onde essas duas ocorrem é em Helheim, a capital da morte, por assim dizer. Neste mundo acabaram aqueles que morreram de doença ou

# VITROLA DE ORFEU



velhice, e uma vez que se entrou nele, nem mesmo os deuses podiam partir, por causa do infundável, inesgotável e intransponível rio Gjöll, que o cercava. Claro que todos os criminosos irão para o Helheim, mas para eles existem áreas especiais.

\*Faixa 11/Secret Of The Runes: Nessa faixa a banda relata partes do Runatal, onde Odin fala sobre os segredos e encantamentos das runas e o conhecimento do poço de Mimaneid, onde Odin fez seu segundo sacrifício, entregando seu olho direito em troca do conhecimento das Runas.

## Letras traduzidas

### Ginnungagap (Tradução)

Queda nas profundezas do Vazio  
(No) Buraco negro do Nada  
Salve, Fluxo de Vergelmar  
Salve, Fluxo de Vergelmar  
Salve, Fluxo de Vergelmar Salve,  
Velho Vazio!  
Salve, Fluxo de Vergelmar  
Calor da criação  
Salve, Fluxo de Vergelmar Salve,  
Velho Vazio!  
Clarão no Nada  
Calor da criação Faça o gelo derreter

A vida levanta no vazio.  
Imer nasceu, fogo e gelo  
O caos tomará forma, Megin se  
levantará  
O pai Imer bebia da vaca Urkon  
Um fluxo de leite que nos dá vida.  
Uma lacuna se abre no espaço  
O sangue flui a partir do corpo de  
Imer  
Os mundos são criados a partir de  
carnes Nove (números) de Yggdrasil.  
Fosso de Imer - runa de Imer  
Essência de Imer Or - destino de Imer

### Midgård (Tradução)

Atrás da profundidade, antes do cume,  
Cercado pela serpente Jormundgand,  
(O) mundo dos homens no meio  
De calor e gelo, construído pela testa  
do Ymer.  
Mundo do Homem - calor e gelo -  
alto e baixo  
Entre as extremidades cresce  
Midgard, forte como o tronco da  
árvore.  
Cinza e Olmo, o par de humanos  
vivem dessas preciosas frutas.  
Mas em breve isso pode acabar.  
Terra Média, Velha Midgard,  
queremos que a árvore queime até  
ficar uma folha!  
Algum dia seu balanço irá encontrar  
um fim e você começará a sumir?

# VITROLA DE ORFEU



Mannaheim, Velha Midgard, todas as suas paredes começaram a cair.  
Que a árvore renasça, das cinzas ela crescerá novamente  
Vamos defender Midgard, nós chamamos o Altíssimo  
Semeie pelo campo a runa de Jara  
Terra Média, Velha Midgard, queremos que a árvore queime até ficar uma folha!  
Algun dia seu balanço irá encontrar um fim e você começará a sumir?  
Mannaheim, Velha Midgard, todas as suas paredes começaram a cair.  
Que a árvore renasça, das cinzas ela crescerá novamente  
Vamos defender Midgard, nós chamamos o Altíssimo  
Semeie pelo campo a runa de Jara  
Entre as extremidades cresce Midgard, forte como o tronco da árvore.  
Cinza e Olmo, o par de humanos vivem dessas preciosas frutas.  
Mas em breve isso pode acabar.

## Asgard (tradução)

Montando no arco-íris, e eles passarão o portão de Heimdal.  
Abra Gladheim e Valhalla!  
Na casa de Odin, o caído permanece  
Com todos os Einherjar, preparado para a guerra

Quando o selo se quebrar no céu do meio do inverno  
todos os mortos seguirão Odin, e eles estão vindo pela tempestade  
No meio do mundo a rocha dos Deuses permanece firme.  
Na noite negra  
Os deuses descenderão com os mortos dos corajosos  
Leve-nos a Valhalla  
quando passaremos pelo portão de Heimdal  
Nos deixe encontrar os deuses (e) seguir seu comando  
Se você olhar o céu noturno, você achará suas moradas  
Nas estrelas eles vivem (como os) signos do zodíaco  
Quando a ponte abrirá um caminho para todos os deuses nórdicos  
todos os mortos passarão por Bifrost, e eles estão vindo pela tempestade  
Sagas dos dias antigos estão escritas no céu  
Quando você ler as runas novamente Valhalla e Asgard renascerão.

## Jotunheim (Tradução)

Jotunheim, chame os gigantes do caos, todos os lobos de Jarnveden, toda a escuridão de Utgard!  
Chamado de Jotunheim!  
Cuidado com os gigantes, os Thurizas,



# VITROLA DE ORFEU



além da fronteira de tudo.  
Em Utgard os antigos vivem  
e eles carregam velhas memórias  
Você pode ouvi-los cantar além das  
ondas de Eli Angerboda, chame seu  
nome na escuridão.

Viva!

Jotunheim, chame os gigantes do  
caos, todos os lobos de Jarnveden,  
toda a escuridão de Utgard!

Chamado de Jotunheim!

Ouçã Mimer, venha a seu poço,  
você vê a água da memória.

Se você ouvir os antigos,  
eles irão levá-lo ao passado você  
pode ouvir

Manegarm uivar novamente  
Angerboda, veja ela chama os lobos.  
Viva!

Thursar! Jotunheimr!

Resar! Jotunheimr!

Jotnar! Jotunheimr!

## Lar dos Elfos Negros (tradução)

Vocês ouvem o ressoar dos martelos?

Ouçam o ressoar dos martelos!

São os Filhos de Ivaldir, ouçam

Eles forjam o tesouro brilhante

A divindade dos deuses

As larvas de Svartalfheim

Forjam tal cintilante ouro

Moldando a glória dos deuses

Dos veios da terra

Profundo abaixo, embaixo  
de pedra e raiz

Você encontra este raro povo  
Das profundezas e deixe o aplicado  
ferreiro

Soldar astuta a imagem de seu desejo  
Enquanto isso embaixo da pele de  
Jord

Na terra se ocultam corações

Anões do submundo trabalham

Com o ouro bem lustroso dos deuses

Draupnir, Mjolnir e Gullinbursti

Arte dos elfos negros

Lá Brokk, Eitri e Sindri

Deixam o martelo golpear mais uma  
vez

As larvas de Svartalfheim

Forjam tal cintilante ouro

Moldando a glória dos deuses

Dos veios da terra

Nos túneis e nos buracos

Igual a um micélio no subsolo

Eles movem à frente a alquimia

As frutas da terra que distribuem  
brilho

Criando lembranças

De longa distância para criar

Os sonhos dourados da manhã

As runas dos deuses fazem o sol  
desabrochar das profundezas da  
terra!

# VITROLA DE ORFEU



## Ljusalfheim (Tradução).

Resplendor solar do Lorde Frei,  
O Iluminado,  
Em Ljusalfheim ele é o Rei dos elfos.  
Bem alto no arco-íris  
E nos pequenos lagos no bosque  
adentro  
Você encontrará os elfos.  
Siga sua luz  
Mais forte que o Sol Ela te faz voar...  
No reino de Álheim  
Você nunca sabe o que viu.  
Uma pálida miragem?  
A beleza o torna cego  
Preenche sua mente  
Você voa e perde seu abraço.  
Voe com as asas deles  
Elas o fazem sentir tão livre  
Porém você pode cair...  
Fuja da luz deles  
Eles podem derrubá-lo  
Ou fazê-lo voar...

## Muspelheim (Tradução).

Kaun  
O Crepúsculo dos Deuses caiu em  
chamas incandescentes O Ragnarok  
nascerá em Muspelheim  
Pelo fogo do destino.  
Jord conhecerá as chamas de Muspel,  
Surt começará sua campanha em  
breve,  
Os gigantes que inflamaram Ragnarök

Fazem magia com as  
runas do fogo.  
Muspel, abra!  
Surt no sul com espada à vista  
Chame as crianças de Muspel,  
Chega a batalha sobre a planície de  
Vigrid,  
Não há oração que ajude.  
Do sul vem o caos!  
O poder dessa tempestade de fogo  
Vem para tornar o mundo em chamas.  
Então os gigantes mataram o deus  
Freyr  
É hora do destino.  
Muspelheim com medo!

## Nifelheim (Tradução).

Nifel no norte  
Gigantes do Norte caminha skapte de  
gelo, a luz pesada dimmors  
Vergelmers de água abaixo da pesada  
no corpo, com passos firmes.  
Névoas mundo em Helheim  
Morada da morte em Helheim  
O dragão Nidhogg  
Este corrói nossa árvore  
Onze rios  
de refrigerante fluindo aqui  
Nifel inferno!  
Nastrand, Nastrand  
Nifelheim, Niflheim  
O frio intenso que fazemos para o  
nosso amigo,

# VITROLA DE ORFEU



sim névoas do norte que está  
varrendo o nosso corpo  
Jörmundgang! Nidhogg!  
Nifel no norte  
Nifel inferno!  
Nastrand, Nastrand  
Nifelheim, Niflheim  
O frio intenso que fazemos para o  
nosso amigo,  
sim névoas do norte que está  
varrendo o nosso corpo  
Jörmundgang! Nidhogg!

## Vanaheim (Tradução)

Pegue a semente de Freyr  
e ponha-o no solo sagrado  
(para) torná-lo vivo  
E a fertilidade levantará.  
Entre em Vanahéimr  
Onde mortos tomarão vida.  
A magia de Freyja  
Levará você para o outro mundo Pelo  
transe de Sejd  
(A) sibila vê dentro de sua alma.  
Entre em Vanahéimr  
E você irá conhecer a ti mesmo.  
Vana - rei e rainha  
Senhor e Senhora dos deuses  
Se você sacrificar  
Eles irão libertar seu fylgia.  
Entre em Vanaheim  
E encontre seu besta-tótem.  
Pela semente de Ing

(Seu) fylgia o levará para  
o alto  
Encontre-o em seu sangue  
Desde os dias de guerra dos Vanir.  
Entre em Vanahéimr  
E você voará nos campos dourados  
Com os deuses, eternamente.

## Helheim (Tradução)

Heldrasil, ó Heldrasil  
Em Nove Mundos para reinar  
Ó magnífica deusa Hel  
Em Gjarllabron, sobre o rio Gjoll  
Eles te esperam.  
Rapidamente você cai em desespero  
Ó, magnífica deusa Hel  
Com seu ventre, és a Mãe das eras  
E a morte é parte de ti  
Para Gnipahalan eles irão seguir  
nossa jornada  
Veremos as Nornas tecendo nosso  
caminho  
Nosso destino elas guiam  
E apenas como Balder, iremos morrer  
Como Hermod iremos calvagar para  
Helheim  
E morrermos, encontraremos nosso  
ouro  
Quando voltarmos de novo  
De Urd, Verdandi e Skuld  
Quando os portões de Hel estão  
abertos  
O sol se levanta

# VITROLA DE ORFEU



Renascendo do inverno profundo com Höðr  
Quando Balder foi morto na cilada de Loki, como uma sombra, guiando Höðr, ele desapareceu como todos em Helheim  
pela lança mágica de visco  
Os deuses ascendem  
Contemple a abertura dos portões de Hel,  
Renascendo do inverno profundo  
Ó deusa oculta de Helheim  
Ela possui o Sol como uma espada  
Jogue seu jogo com a vida com vosso ventre, Mãe das eras  
Ó magnífica deusa de Hel!

## Segredo Das Runas (Tradução)

Hangatyr, seu sussurro me contou o segredo das runas.  
Eu te sigo para me tornar imortal.  
Dou uma volta na árvore do mundo, me ofereça a mim  
Eu ouço a música  
Eu gravo as runas de Irmin.  
Eu pego as folhagens da árvore do mundo, Yggdrasil meu cavalo de padrearão  
Dezoito eu acho (quando) canto a canção de Odin  
Eu como as frutas de Futhark  
Yggdrasil meu cavalo de padrearão  
Dou uma volta (e voo) com as asas de

Odin

Procure isto em baixo,  
você vai encontrar o brilho  
Pelo poço de Mimaneid  
Dezoito runas vão até você  
Pegue o manto de Hangatyr  
Você vai sentir a serpente se levantar!

CONHEÇAM MAIS SOBRE A AUTORA  
DESTA RESENHA NA SEÇÃO PANTEÃO DE  
COLABORADORES!



**ARTISTA: Capella**

**MÍDIA: Capella e a Mitologia das Estrelas**

POR LUIS F. RIBEIRO – HELLYEAH!

Observar as estrelas é uma das práticas mais antigas da humanidade, uma vez que contemplar e conjecturar acerca do universo remonta aos períodos pré-históricos, fazendo com que a astronomia seja comumente tratada como a mais primitiva das ciências, com registros que datam de cerca 3000 a.C. pelos povos egípcios, assírios, babilônios e chineses. Naquele tempo o estudo das estrelas tinha propósitos muito claros e práticos, sendo utilizado na medição e na passagem do tempo, na previsão de períodos adequados para o plantio e a colheita, ou até mesmo com finalidades não científicas relativas à astrologia, especialmente no que diz respeito a crenças, mitos e previsões do futuro, onde acreditava-se que os deuses no céu é que tomavam as decisões acerca do sucesso das colheitas, do clima e até mesmo da vida humana na terra. Em uma época onde os conhecimentos das leis da física eram bastante limitados ou inexistentes, os mitos e crenças que surgiam em torno dos



propósitos das estrelas eram incontáveis e provindos das mais distintas culturas, com os mais diversos significados, refletindo inclusive em muito do que se acredita até mesmo hoje em dia.

Para os povos gregos antigos, por exemplo, as Híades eram as filhas de Pleione e Atlas, o gigante que carregava os céus em suas costas. As Híades eram muito ligadas ao seu irmão Hias, que foi morto por um leão em uma caçada, deixando-as tão tomadas pela tristeza a ponto de cometerem suicídio. Zeus, em grati-

# VITROLA DE ORFEU



tidão aos serviços por elas prestados a Dionísio no passado, transformou-as em um conglomerado de estrelas na constelação de Touro, sendo mais visíveis no decorrer das estações chuvosas, fazendo os gregos antigos acreditarem que elas eram mensageiras das chuvas de primavera e das tormentas do outono, sendo a chuva as lágrimas que elas derramavam por Hias. Em outro mito grego, as Plêiades, também filhas de Pleione e Atlas, que eram sete irmãs, certa vez viajavam com sua mãe quando cruzaram o caminho do grande caçador Órion, que se apaixonou por elas perdidamente. Órion passou um longo período tentando conquistar as Plêiades e depois de muitos anos, Zeus teve de intervir transformando-as em pombas para que escapassem do seu perseguidor. As Plêiades voaram para os céus tornando-se a constelação que leva seu nome.

Os Maias acreditavam que a Via Láctea era o caminho místico por meio do qual as almas seguiam para o mundo dos mortos, atravessando a constelação de Escorpião, que é o caminho do sol, lua e planetas ao se moverem. Todas as suas histórias

acerca da criação do universo estavam ligadas ao movimento das estrelas e o ponto em que a Via Láctea aparecia como uma faixa vertical no céu noturno representava para eles o exato momento da criação.

De acordo com o povo nativo americano Pawnee, o mundo foi criado pelo deus Tirawa, que criou as estrelas para sustentar o céu. As estrelas mais brilhantes eram responsáveis pelos ventos, nuvens e pela chuva, assegurando a fertilidade da Terra. As estrelas menores, tomadas por grande inveja, encontraram um saco de tempestades mortíferas que era de responsabilidade das estrelas maiores e o esvaziaram sobre a Terra, trazendo morte e destruição para todo o mundo. Ainda segundo os Pawnee, a primeira mulher nasceu do casamento das estrelas e o primeiro homem do casamento entre Sol e Lua.

Cientificamente falando, uma estrela é uma gigantesca e cintilante esfera de plasma, que permanece íntegra graças a gravidade e a pressão da



# VITROLA DE ORFEU



radiação. O Sol é a estrela mais próxima da Terra e sua principal fonte de energia. Outras estrelas podem ser vistas da Terra durante a noite, quando não são ofuscadas pela luz solar ou bloqueadas por fenômenos atmosféricos. Historicamente, as estrelas mais importantes da esfera celeste foram agrupadas em constelações e asterismos, com as mais brilhantes ganhando nomes próprios.

Auriga ou Cocheiro, é uma constelação do hemisfério norte celestial conhecida desde a antiguidade e facilmente reconhecida pelo seu formato de pentágono criado a partir das estrelas Capella, Beta do Cocheiro, Iota do Cocheiro, Téta do Cocheiro e a intrusa Beta do Touro.

Capella é a estrela mais brilhante da constelação do Cocheiro e a sexta mais brilhante do céu noturno, com dimensões superiores às do próprio sol e com um espectro semelhante a este. A estrela Capella serviu de inspiração para lendas e mitos que intrigam a humanidade, sendo a mais conhecida a que nos fala sobre uma civilização altamente desenvolvida

moral e intelectualmente que vive em um dos planetas na órbita da Capella. Uma comunidade de seres capelinos não teria agido segundo a conduta e a evolução moral dessa civilização, tendo sido banidos para a Terra há cerca de 65.000 anos, onde devido ao seu alto grau de conhecimento, destacaram-se na matemática, astronomia, arquitetura, agricultura e navegação, deixando obras como as pirâmides do Egito, os jardins suspensos da Babilônia e as edificações maias e astecas, entre outras grandes colaborações para a humanidade.

A estrela Capella e a mitologia acerca dela também serviu como fonte de inspiração para o nome de uma das mais promissoras bandas de Heavy Metal em atividade. Para aqueles que acreditam no poder do universo em conduzir o destino das coisas aqui na Terra, pode-se dizer que aquilo que muitos tomam por coincidência pode ser explicado através do que estava destinado pelo poder mítico das estrelas. Apesar de formada em Portugal, a Capella é uma banda composta por seis músi-

# VITROLA DE ORFEU



cos brasileiros de origens distintas dentro de nosso país, vindos de São Paulo, Pernambuco, Paraná e Santa Catarina, e que por obra do acaso reuniram-se longe de suas casas em torno de um objetivo principal: externalizar suas vivências, experiências e as energias que carregam em cada um na forma de canções.

Nas letras de suas seis canções já disponíveis, a Capella não aborda a mitologia abertamente, mas sua música reflete tudo aquilo que a banda carrega em seu nome e no nome de seu primeiro EP, “Outside World”. Tudo que permeia a música da Capella, subjetivamente está relacionado com o poder intrínseco de seu nome, das energias que conduzimos e das coisas que acreditamos, fontes essas que são a matéria prima para a construção dos mitos desde de os tempos imemoráveis.

O misticismo do céu e das estrelas pode ser observado desde a belíssima arte da capa de “Outside World”, passando pela construção de suas composições, em alguns momentos grandiosas como a via láctea, em

outros etérea como os corpos celestes, ousando alcançar tão alto quanto as estrelas, onde todas essas lendas e mitos habitam e onde o tempo observa o cair e o passar de eras como simples pinturas em uma parede.

Formada em 2020 pelos experientes Jota Fortinho (vocal), André “Zaza” Hernandez e Pablo Romeu (guitarras), Gabriel Carvalho (baixo), Fernando Castagna (bateria) e Fabinho Jablonski (teclado), a Capella lançou no início de 2021 um dos melhores álbuns de Heavy Metal da atualidade no formato de um EP, que criou grandes expectativas em sua recente mas crescente base de fãs pelo lançamento de um disco completo e de novas canções que nos contem um pouco mais a respeito dos mitos que cercam o seu poderoso nome.

CONHEÇAM MAIS SOBRE O AUTOR DESTA RESENHA NA SEÇÃO PANTEÃO DE COLABORADORES!

# HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



**HISTÓRIA: A Ajuda do Padre Cícero**

**CONTADORA: Maria Núbia Barbosa Silva**

*Dizia-se que o padre Cícero tinha “visão”, como se ele fosse sensitivo. Uma mulher tinha duas filhas e pediu que a mais velha cuidasse da mais nova para ela poder ir na missa do Padre Cícero, que era na casa dele, onde ele fazia as celebrações e que ficava próxima à um rio, o Rio do Salgadinho. Durante a missão, o padre Cícero fechou os olhos. A mulher perguntou: padre, o senhor está dormindo? Ele respondeu: não, fui salvar duas meninas que estavam se afogando no rio. A mulher não pensou em nada, mas quando ela chegou em casa, as meninas contaram para ela que foram tomar banho no rio e começaram a se afogar, então chamaram pelo Padre e o Padre Cícero apareceu e retirou-as das águas.*

Eu tinha de seis a sete anos quando meus pais moravam em Juazeiro do Norte – CE, a cidade do Padre Cícero. Minha mãe queria morar na cidade, mas meu pai gostava do interior, da roça. Meu avô paterno era comerciante e vendia cereais na feira. Meu pai ia para a roça segunda-feira e só voltava na sexta-feira à tarde, pois

ajudava meu avô nos negócios aos sábados. E era sempre assim...

Eu era muito apegada ao meu pai e em um belo dia, e digo belo porque a chuva para nós era uma dádiva, um sinal de prosperidade, eu o seguia e disse: vou com o senhor! Ao que ele respondeu: Ah, não vai não! Vai ficar muito tarde, parece que vai chover e o rio ficará difícil de atravessar. Meu pai no fim decidiu me levar e mudou o caminho, mas disse: então vamos, mas temos que ir depressa para atravessar o rio antes da chuva chegar.

Eu ia alegre e contente, cantando os cânticos da igreja. Hora andava e hora corria, mas nunca o alcançava. Ele era muito “cara fechada”, mas tinha um bom coração. Quando ele estava bem distante, e eu já o havia perdido de vista, ele se escondia e eu me desesperava e ele aparecia rindo. Aí me colocava um pouco nas costas e seguíamos o caminho.

Mas de repente, foi escurecendo e escurecendo e nos encontramos na mata densa e ia ficando cada vez mais escuro. Meu pai, que cresceu andando com meu avô, conhecia muito bem tudo por ali, mas estava chovendo e tão escuro, que ele falava que nunca tinha visto tanta escuri-

# HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



dão. Era tudo tão escuro, que não enxergávamos um ao outro estando a 1 metro de distância! Quando meu pai soltava minha mão para afastar os galhos, abrindo caminho, eu ficava desesperada por não ver mais ele e ele aproveitava e brincava: estamos perdidos na mata, filha! Aqui tem lobo-guará, guaxinim e até onça! E então, ele me contava histórias da sua luta com esses animais. Eu estava apavorada e ele falava: escuta, acho que ouvi algum bicho! E ele falava: e eu estou nessa enrascada por sua culpa, por querer vir junto! Se eu estivesse sozinho, já teria chegado!

As nuvens vinham se aproximando e eu estava cansada e choramingando. Ele dizia: Eu te falei que seria uma “andada de porco torcer o rabo!”

Enfim, quando formos atravessar o rio, que tinha uma ponte formada com troncos de madeira, desbastados grosseiramente e com uma escada grosseira de madeira de uns dois metros de altura, percebemos que estava muito perigoso. Quando chovia muito nas cabeceiras do rio, a água cobria a tal ponte. Muitas vezes as pessoas escorregavam e até chegavam a cair no rio e pessoas já morreram nesta travessia. Nesta hora,

pensamos muito na história do Padre Cícero!

Como ele cresceu naquela região, conhecia até as pedras, mesmo com toda aquela escuridão, encontrou o caminho no tato e pelos tropeços nos galhos dos caminhos. Padre Cícero com certeza estava ali!

Uma tia dele morava ali perto e nos abrigamos na casa dela, estávamos molhados, com fome eu com medo. Fomos muito bem recebidos e bem tratados pelos habitantes daquela casa.

E conta-se que por conta desta chuva, que transformou a tarde em noite e encheu o rio, aquele foi um belo ano de fartura na terra de Padre Cícero!

CONHEÇAM MAIS SOBRE A AUTORA  
DESTA HISTÓRIA NA SEÇÃO PANTEÃO  
DE COLABORADORES!



# HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



## HISTÓRIA: O Cabeça de Cuia CONTADOR: Luiz Júnior

Lenda muito presente no Nordeste do Brasil, principalmente nos estados do Piauí, conta a história de um jovem pescador que vivia às margens do Rio Parnaíba com a mãe, de nome Maria, e que passava por dificuldades pela falta de pesca causada pela seca do rio. Crispim – esse era o nome do menino – saiu para pescar um belo dia, porém mais uma vez voltou de mãos vazias. A mãe, então, compadecida da situação da família, pediu junto à vizinhança por um pouco de comida, mas a única coisa que conseguiu foi um pedaço gasto de osso de boi. Com isso, e, de certa forma, até mesmo feliz por ter conseguido alguma coisa para dar de comer ao filho, Maria fez uma sopa, rala e insossa, e a ofertou, alegre, ao filho. Porém, Crispim, cansado e humilhado pela pescaria fracassada, se recusou a comer a sopa e, num ato de fúria, atirou o osso na cabeça da mãe, matando-a.

Porém, antes de morrer, Maria lançou a ele uma maldição. Ele, transformado em um monstro, se lan-

çou a correr pela margem do rio enquanto sua cabeça cresceria desmesuradamente, tomando a forma de uma cuia gigantesca. Ele, então, passa seis meses escondido no Rio Parnaíba e seis meses escondido no Rio Poty. Segundo a lenda, só se livrará desta maldição quando devorar sete Marias virgens.

“Nos anos anteriores, seis meninas haviam desaparecido. Todas com as mesmas características: adolescentes virgens, bonitas, com o nome de Maria.

Logo, a comunidade juntou as peças: só podia ser o Cabeça de Cuia, o autor dos desaparecimentos.

Deliberaram por dias, até que resolveram: sequestrariam a órfã Maria das Dores, que andava jogada pelas ruas, desde que seus pais haviam morrido afogados em um acidente com o barco de pesca.

Fora fácil atrair a menina: uma oferta de jantar e pronto: agora ela estava ali, totalmente à mercê da população. E do Cabeça de Cuia.”

ESTE É UM TRECHO DO CONTO  
CABEÇA DE CUIA, DO MEU LIVRO  
CORPO SECO E OUTRAS HISTÓRIAS.

**ÓPERA:** Lohengrin

**COMPOSITOR:** Richard Wagner

POR LARISSA DIAS

Quem conhece as obras de Richard Wagner sabe como a mitologia nórdica estava presente em algumas delas. E isso também acontece com a ópera Lohengrin!

Lohengrin é uma ópera de 1848, em três atos, que traz uma mescla de duas mitologias: a Lenda do Cavaleiros do Graal (ligada aos mitos celtas e cristãos) e o mundo pagão da Mitologia Nórdica, simbolizado pelos Magos Negros.

Inclusive, no segundo ato, a feiticeira negra Ortrud invoca Wotan e Freia como fonte de poder e amor.

A história da ópera acontece quando Elsa, uma das filhas de um rei alemão que morre, é prometida em casamento ao seu protetor, o conde Friedrich. Ela se recusa a se casar com ele e ele a acusa de matar o seu próprio irmão, Gottfried.

Elsa então, é julgada pelo rei frente as árvores da corte. As árvores são símbolos importantes da mitologia



nórdica, como a grande árvore cósmica Yggdrasil.

No julgamento, ela fala de um sonho onde um cavaleiro lutará por ela. Friedrich propõe no julgamento um duelo entre ele e o protetor de Elsa, pela mão da mesma.

Neste momento, aparece um cavaleiro em uma armadura de prata em um barco. Ele aparece junto com um cisne. O cisne é um animal símbolo da paixão e do autosacrifício, além de ser um animal que puxa a barca do sol durante a noite. Ele é ligado a Apolo e a Vênus e aqui, representa essa conexão do mundo divino com o mundo dos mortais.

Elsa promete casar com seu salvador, mas o cavaleiro, Lohengrin, diz que a condição é ela nunca perguntar seu nome ou sua origem. Este é um motivo mitológico comum, como na história de Eros e Psique. Não perguntar o nome traz uma esfera do amor incondicional, dos seres divinos.

Friedrich luta com Lohengrin, este





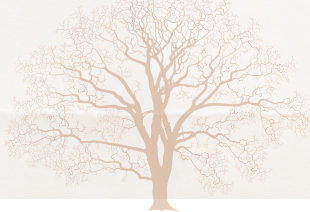
vence, mas polpa sua vida. Friedrich, não conformado, começa com Ortrud a implantar dúvidas sobre Lohengrin em Elsa, para que ela duvide dele. No dia do julgamento final, Lohengrin é acusado de feitiçaria, mas ele diz que é responsável apenas perante Elsa.

Depois do casamento, no leito das núpcias, Lohengrin diz a Elsa que a salvou e por isso merece sua confiança. Ele jura à ela seu amor, mas Elsa tem medo de que ele a deixe um dia. E então, ela faz a pergunta que não deveria fazer: qual seu nome e qual sua origem!

Então, Friedrich entra no aposento e tenta matar Lohengrin, que o mata com a espada de Elsa. No dia seguinte, ele anuncia ao rei que não liderará seu exército e Elsa conta que ela quebrou o juramento e que ele na verdade é um Cavaleiro do Santo Graal, filho de Percival. Ele é o defensor da virtude. O cisne aparece novamente e então a feiticeira diz que o cisne é o irmão de Elsa, encantado. Neste momento, Lohengrin, desolado, vai embora e deixa para sempre Elsa e aquele reino.

Embora a ópera toda traga muito o sentido de magia e de honra pela sua atmosfera wagneriana, existe uma passagem que nos faz refletir um pouco mais: *a amada não deve questionar o nome ou a origem do seu amado*. Como essa questão do não questionamento gera um produto do amor incondicional e divino, não se pode questionar o poder dos deuses. Mas seres humanos são passíveis de dúvidas e invariavelmente, em muitas mitologias, questionam e se afastam deste poder divino, caminhando para uma trilha da consciência. Muitas vezes, existe uma punição por essa dúvida, mas muitas vezes o que existe é uma evolução causada por essa transgressão. No fim, a dúvida humana parece ser algo vindo da nossa própria razão, também nos dada pelos seres divinos, embora pagar por ela também faça parte do nosso processo evolutivo.

CONHEÇAM MAIS SOBRE A ÓPERA  
ASSITINDO-A, POIS É FASCINANTE!



## ANCESTRAIS DA TERRA



MA! ISSO  
EU NÃO SEI.

TALVEZ, VOCÊ SEJA  
PRIMEIRO SER HUMANO  
A VER *AMO A HI*, MAS APENAS  
*OMAMA* TEM ESSA RESPOSTA...  
TALVEZ, TAMBÉM CONSIGA  
VER OS *XAPIRI*.

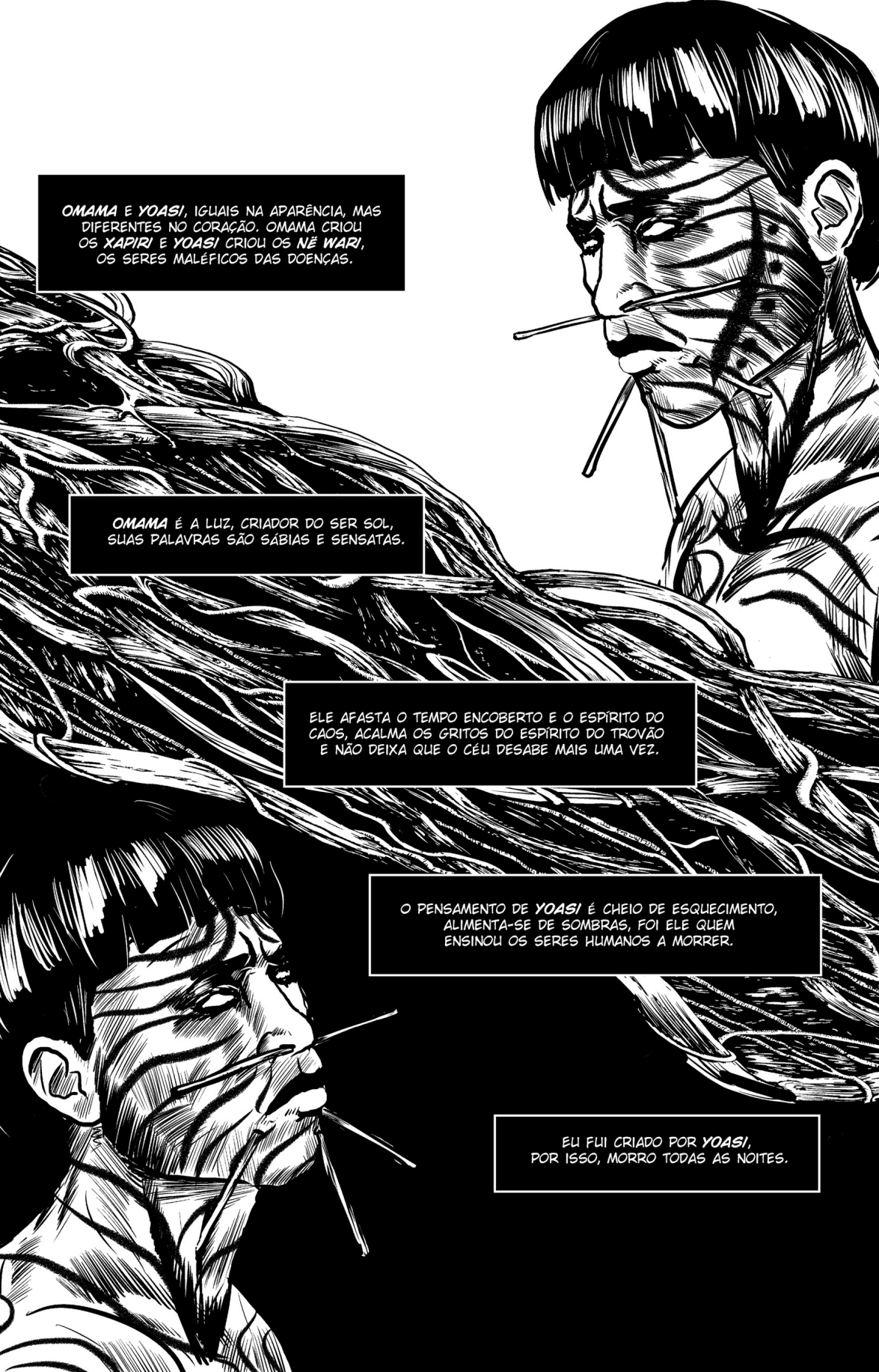
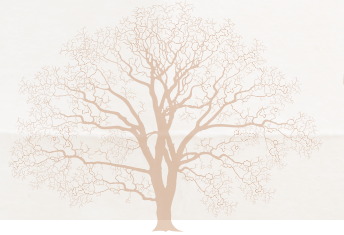
NEM SEMPRE ELES  
EXISTIRAM, *HAPO-O TÊHÊ*,  
NOS PRIMEIROS TEMPOS,  
OUTRA GENTE VIVIA NA  
FLORESTA... ENTÃO, *HUTUKARA*,  
O PRIMEIRO CÉU  
DESABOU.

A FLORESTA DESAPARECEU  
E *OMAMA* TROUXE PARA A  
SUPERFÍCIE UM GRANDE RIO  
QUE CORRIA EMBAIXO DA TERRA,  
*MOTU URI U*, E COM ISSO FORMOU  
TODOS OS RIOS E IGARAPÉS.

*YA WAXIMI MAHI*,  
ESTOU FICANDO CANSADO,  
MAS VOU CONTAR A VOCÊ  
UMA HISTÓRIA... E NÃO SERÁ UMA  
HISTÓRIA RUIM COMO A SUA.



# A NONA ÁRVORE



OMAMA E YOASI, IGUAIS NA APARÊNCIA, MAS DIFERENTES NO CORAÇÃO. OMAMA CRIOU OS XAPIRI E YOASI CRIOU OS NÉ WARI, OS SERES MALÉFICOS DAS DOENÇAS.

OMAMA É A LUZ, CRIADOR DO SER SOL, SUAS PALAVRAS SÃO SÁBIAS E SENSATAS.

ELE AFASTA O TEMPO ENCOBERTO E O ESPÍRITO DO CAOS, ACALMA OS GRITOS DO ESPÍRITO DO TROVÃO E NÃO DEIXA QUE O CÉU DESABE MAIS UMA VEZ.

O PENSAMENTO DE YOASI É CHEIO DE ESQUECIMENTO, ALIMENTA-SE DE SOMBRAS, FOI ELE QUEM ENSINOU OS SERES HUMANOS A MORRER.

EU FUI CRIADO POR YOASI, POR ISSO, MORRO TODAS AS NOITES.



# A NONA ÁRVORE




AMO A HI, A ÁRVORE ANCIÃ, ESTÁ NOS CONFINES DA FLORESTA, E SE VOCÊ NÃO FOR UM XAPIRI, SOMENTE MINHA CANOA PODE LEVÁ-LO ATÉ LÁ.

OS ESPÍRITOS DO TATLI-CANASTRA, WAKARI, E DO JABUTI SUSTENTAM SUAS RAÍZES.

EM SEU TRONCO ESTÃO INÚMEROS LÁBIOS, TANTOS QUANTO AS ESTRELAS DO CÉU, ELES CANTAM SEM PARAR PALAVRAS QUE NUNCA SE REPETEM.

SÃO ESSAS PALAVRAS QUE OS XAPIRI COLHEM PARA ALIMENTAR SEUS CANTOS.

# A NONA ÁRVORE



*THUËYOMA* RESPLANDECIA A BELEZA DA NATUREZA E, AO LADO DE *OMAMA*, AJUDOU A POVOAR *HUTUKARA*, A NOVA FLORESTA.

*WERI NAHI*, AS FLORES BRANCAS QUE *THUËYOMA* TRAZIA EM SUAS ORELHAS SIMBOLIZAVAM O SOPRO DE VIDA QUE ELA E *OMAMA* DERAM AO POVO DA FLORESTA.

FORAM ELES TAMBÉM QUE ENGINARAM AS PESSOAS A CAÇAR, A PESCAR E A PLANTAR MANDIOCA, BANANA, CANA-DE-AÇÚCAR, CARÁ, TAIOBA E BATATA-DOCE.

*OMAMA* CRIOU AS PESSOAS PARA SEREM IMORTAIS, COMO O SER SOL, POR ISSO USOU EM SUA CRIAÇÃO A MADEIRA DA ÁRVORE *PORE HI*, POIS ELA SE RENOVA CONSTANTEMENTE, ASSIM, QUANDO AS PESSOAS ENVELHECESSEM A PELE SE RENOVARIA E ESTARIA SEMPRE JOVEM.



# A NONA ÁRVORE



## FABIO GIMOVSKI



*Ancestrais da Terra é um romance gráfico, com 188 páginas, que aborda a cosmovisão de nossos povos ancestrais.*

“

Ancestrais da Terra começou há muito tempo, embora na época eu não soubesse o que ele viria a se tornar. Entre desenhos e palavras, ele foi, pouco a pouco, revelando-se e deixando cair os véus que encobriam os imensos contornos estendidos para além dos horizontes que meus olhos alcançavam. O ato da criação traz em si a magia da vida e longas foram as noites devotadas à escrita e aos desenhos. Em alguns casos o texto surgiu antes como se as palavras insistissem em permanecer em voz alta até serem colocadas no papel; em outros casos foram os desenhos que delinearam todos os pensamentos que viriam a compor a estrutura do livro. Foi uma longa viagem revisitando memórias dos lugares por onde passei, pessoas que conheci e situações que vivi. Nessa jornada cruzei os Andes e o Himalaia,

as montanhas de Machu Picchu e as neves do Annapurna, os vulcões do Chile e as florestas de nossa terra. Atravessei os Pirineus na França, os desertos do Atacama e do Saara, o monte Sinai no Egito e os gigantes adormecidos no Nepal. Visitei escolas de sânscrito na Índia, monastérios em Dharamsala, templos em Katmandu e as gigantes Samaúmas na Amazônia. Andei nas estrelas do caminho de Compostela e vi os saberes ancestrais refletirem-se nos dias atuais na fé e na devoção de tantas pessoas. Toquei tambores de Aruanda em Itaparica, cítaras em Varanasi, karkabous no Marrocos e maracás no Xingu. Acendi a fogueira de atanores e vislumbrei a alquimia das transmutações, fui o Sol e a Lua e conheci singulares segredos que se espelham na Mãe Terra. E tudo isso, que foi tanto, ainda é pouco para a compreensão da realidade que me faz ser quem sou.”

\*\*\* **NOTA DA EDITORA:** Fábio Gimosvski gentilmente nos cedeu a HQ em questão, que traz um pouco da mitologia indígena, carregada de sua imensa sabedoria, falando direto para nossas almas!

SAIBA MAIS SOBRE O AUTOR NA  
SESSÃO PANTEÃO DE COLABORADORES





**cursos,  
palestras,  
eventos...**

**JUN 2021**

## Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**

# ACADEMIA DE QUÍRON



JUN 2021



## O MITO EM NÓS

e o reconhecimento da integridade humana  
Anima / Animus



O MITO EM NÓS É UM CURSO CONSTITUÍDO DE 07 ENCONTROS VIVENCIADOS (UM AO MÊS, VISANDO O RECONHECIMENTO DO MASCULINO E FEMININO COMPLEMENTANDO-SE EM CADA UM DE NÓS, ATRAVÉS DAS MITOLOGIAS GREGA, INDIANA, EGÍPCIA, INDÍGENA, E CELTA.

SOLANGE S. D'AMATO - PSICOPEDAGOGA /  
ARTETERAPEUTA  
VILMA C. FIDALGO DEL RY - ESCRITORA / PROF. DE  
LITERATURA  
NOVA TURMA: MAIO/2021  
INFORMAÇÕES: 99132-9228 - SOLANGE



# ACADEMIA DE QUÍRON



JUN 2021



WebTV x Canal YouTube

Qualidade de Vida em pauta:

## Viva Vidas Vivas

vivavidasvivas.com

∞ Psicoterapias;

∞ Mitologias, Contos e Afins;

α Massagens e Práticas Corporais;

∞ Práticas Meditativas;

π Culinária e Pitadas de Nutris;

β Idiossincrasias de Madame Rô&Nós;

∞ Viagens, Culturas e Eventos;

∑ Atividades Coparticipativas, através de

Cursos, Vivencias e Trocas de Experiencias.

### Sejam Bem-Vindos!

<https://heylink.me/vivavidasvivas/>  
(11)9.9404-2910



Siga-nos

## Bom Proveito!

# PANTEÃO DE COLABORADORES



**LARISSA DIAS**

**EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS**

Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método “Jornada Vocacional”, um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP.



[www.larissadiaspsico.com.br](http://www.larissadiaspsico.com.br)

[larissa@larissadiaspsico.com.br](mailto:larissa@larissadiaspsico.com.br)

**FÁBIA LUCAS**

**REVISORA DE TEXTO**

Revisora de textos - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.

Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: [facaroli@yahoo.com.br](mailto:facaroli@yahoo.com.br)

Linkedin: [https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2](https://www.linkedin.com/in/f%C3%A1bia-carolina-lucas-3183011a2)





# PANTEÃO DE COLABORADORES



**PROF. DR. MARCOS FERREIRA-SANTOS**

**COLABORADOR DE ARTIGOS**



Jardineiro, artesão, cultivador de bonsai tropical e penjing, folklorista, arte-educador, semeador de sumak kawsay, pan-africanismo e filosofias ancestrais...

Professor de mitologia em várias universidades na Espanha e América Latina, com investigações e intervenções poéticas em mito, música & iniciação nas comunidades tradicionais e povos originários há mais de quatro décadas se orienta pelas pensadoras e pensadores do “círculo de Erans” (Ascona, 1927-1988), primeiro grupo interdisciplinar de mitologia, antropologia simbólica e mitohermenêutica; assim como é influenciado pela “antropologia da pessoa” (Nikolay Berdyaev, Emmanouel Mounier, Paul Ricoeur, Jean Cocteau, Annie Besant, etc)

Youtube: [youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito\\_musica/videos](https://www.youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos)

[www.marcosfe.net](http://www.marcosfe.net) / E-Mail: [marcosfe@usp.br](mailto:marcosfe@usp.br)

**ROSÂNGELA LEITE FILIPPO**

**COLABORADORA DE ARTIGOS**



Sou graduada em Engenharia Química pela Faculdade de Engenharia Química de Lorena – USP e em Pedagogia pela UNIFRAN. Com pós-graduação em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana pela FIOCRUZ/RJ, Vigilância Ambiental pela UFRJ/RJ, Gestão das Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores da Saúde – MS/UFMG, Arteterapia pelo NAPE São José dos Campos e Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP. Sou Arteterapeuta no Instituto de Arteterapia de Guaratinguetá/SP (IAGUA). O principal mister da instituição são atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana. Estudante de pós-graduação em Psicopedagogia e Neurociências, educação e práticas pedagógicas pela UNISAL/SP.

Contato: [rlfilippo@gmail.com](mailto:rlfilippo@gmail.com)



# PANTEÃO DE COLABORADORES



**ROSANGELA APARECIDA CORRÊA**

**COLABORADORA DE ARTIGOS**



Rosângela Aparecida Corrêa – Psicoterapeuta - Analista Junguiana e Psicossomática-FACIS/IJEP, Especialista em Clínica Junguiana do Psicodiagnóstico à Intervenção Clínica-SEDES, Especialista em Mitologia e Contos de Fadas, Massoterapeuta, Reikiana, Astróloga, Analista de Sistemas e Escritora. Tendo atuado por 13 anos no mundo corporativo de multinacionais, na Área de Exatas(TI) e desde então, 17 anos atuando na Área de Humanas, cuidando do ser, holisticamente. Fundadora do Viva Vidas Vivas, que busca oferecer informações, serviços e compartilhamento de experiências para incentivar cada pessoa que tiver contato com estes recursos, a experimentar, empreender e viver suas respectivas vidas de maneira viva, intensa, vibrante e presente.

Site 1: <https://psicoterapiajunguiana.com/> Site 2: <https://vivavidasvivas.com/>

Facebook: [fb.me/vivavidasvivas](https://fb.me/vivavidasvivas) / Instagram: [@vivavidasvivas](https://www.instagram.com/vivavidasvivas)

Cartão Virtual: <https://heylink.me/vivavidasvivas> / E-mail: [info@vivavidasvivas.com](mailto:info@vivavidasvivas.com)

**VITOR FILIPPO DIAS**

**COLABORADOR DE ARTIGOS**



Graduado em História pela FMU, e no transcorrer do curso produzi uma iniciação científica com o seguinte tema, “A Influência Cultural Mesopotâmica na Religião Judaico-Cristã”, o trabalho aborda e compara mitos babilônicos e sumérios com passagens bíblicas, principalmente o Pentateuco. A partir desse trabalho desenvolvi grande interesse no estudo voltado para o Oriente Próximo, mais especificamente para a Mesopotâmia Antiga.

Também sou palestrante de mitologia do Instituto de Arteterapia de Guaratinguetá/SP (IAGUA). O principal mister da instituição são Atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana. Na minha pesquisa atual, estou desenvolvendo um estudo de uma suposta ascensão do deus babilônio Marduk ao topo do panteão durante a hegemonia da Segunda Dinastia de Isin, mais notadamente no decorrer do reinado de Nabucodonosor I (1125 – 1104 ac).

e-mail: [vitorvfd@outlook.com](mailto:vitorvfd@outlook.com)

**JULIO CÉSAR NUNES ITO**

**COLABORADOR DE ARTIGOS**



Psicólogo, psicoterapeuta de orientação junguiana, músico e facilitador de workshops sobre Psicomusicalidade.

e-mail: [contato@julioito.com.br](mailto:contato@julioito.com.br)

[www.julioito.com.br](http://www.julioito.com.br)

[@visitainterior](https://www.instagram.com/visitainterior)

# PANTEÃO DE COLABORADORES



**MARIA NÚBIA BARBOSA DA SILVA**

**COLABORADORA LITERÁRIA**



Núbia cresceu ouvindo histórias que seu pai sempre contava na cidade de Juazeiro do Norte - CE. Por ouvir essas histórias, muitas delas de superação, criou sua própria história de vida, onde ajudou a fundar o bairro onde mora e como católica foi ativa nos movimentos e atividades sociais, pela orientação da Pastoral Operária, onde criou o movimento em defesa dos garis (limpeza de vias públicas) de São Bernardo do Campo, além de ter ajudado a fundar o Sindicato dos Servidores Públicos de S. B. do Campo, que também fez parte. Também formou uma equipe para dar aulas nas escolas públicas aos sábados de recuperação na defasagem de conteúdo para os jovens que se preparavam para o vestibular e para concursos públicos. Atualmente está aposentada, mas ainda ativa nas suas duas grandes paixões: a filosofia e a dança.

Contato: [nuvem.nubia@gmail.com](mailto:nuvem.nubia@gmail.com)

**LUIZ JÚNIOR**

**COLABORADOR LITERÁRIO**



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia online. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

[www.oraculosemisterios.com.br](http://www.oraculosemisterios.com.br) // [www.escritorluizjunior.com.br](http://www.escritorluizjunior.com.br) // (11) 98721-9413

# PANTEÃO DE COLABORADORES



**LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)**

**COLABORADOR MUSICAL**



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> // (48) 99815-6284

**ANDREIA MORGAM**

**COLABORADORA MUSICAL**



Terapeuta e Psicanalista Clínica, atua com Astrologia Psicológica, além de ser Escritora. Autora dos livros "O Curso de Tarô: a Jornada do Louco" e "Aos Mestres das Runas"

Contato:

Site: <https://www.amorgam.com/p/terapia.html>

Instagram: <https://www.instagram.com/andreiamorgam/>

<https://linktr.ee/amorgam>



# PANTEÃO DE COLABORADORES



**JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI**

**MÍDIAS SOCIAIS**



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa levando sua criatividade e inovação. É paulista, formada em Gestão Ambiental com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: [jessica@alphacentauritecnologia.com.br](mailto:jessica@alphacentauritecnologia.com.br)

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

**ÉRICA DIAS**

**TRADUTORA REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS**



Formada em Secretariado Executivo Bilíngue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: [dias.ERICA14@gmail.com](mailto:dias.ERICA14@gmail.com)

**FABIO GIMOVSKI**

**COLABORADOR ARTIÍSTICO**



Quadrinista e Editor, Fabio Gimovski é autor de livros, romances gráficos e literatura infantojuvenil. Tem formação em Belas Artes com pós graduações nas áreas de cultura e gestão. Usa de sua experiência com suas viagens para compor o universo das histórias que conta sobre os nossos povos ancestrais.

Contatos:

[editoraurukum.com.br](http://editoraurukum.com.br)

@urukum editora

@fabio gimovski

# AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Os agradecimentos são bem amorosos neste mês! Agradeço ao professor Marcos, que nos trouxe um artigo maravilhoso de um mito nacional empolgante, agradeço a Rosângela Filippo que nos apresenta Hades em conjunto com João e Maria, agradeço ao Vitor que nos trouxe mais um pouco sobre a incrível história da Suméria. Agradeço também a Rosangela Corrêa e ao Julio Ito, que nos prestigiaram com artigos incríveis sobre o mito de Orfeu e sua Euridíce, cada um com sua visão, uma cinematográfica e outra musical.

Agradeço à Núbia, por nos trazer sua emocionante história de mitologia pessoal, aquela que nos forma enquanto pessoas, para aquecer nosso coração! Agradeço ao Luiz Júnior por trazer mais um personagem muito interessante e intrigante e ao Luis da Hell Yeah que nos fez ir às entrelas com sua resenha mágica!

Agradeço à querida Andreia por trazer suas palavras intensas de sabedoria nórdica sobre uma banda que eu amo do fundo da alma! Agradeço também ao Fábio, que nos trouxe de forma bela uma adaptação da sua linda HQ mitológica! Agradeço ao querido Yves, que nos brindou com esse apaixonante Narciso para a capa da nossa revista, além de me mostrar inúmeras outras artes dele mitológicas e sensíveis!

Agradeço sempre à querida Fábica Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, e também à Érica Dias pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à Jéssica Dias pelas belas e criativas artes que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram!

Até a próxima!

Equipe Mitologia Aberta.



# Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



**Coordenação Editorial**

Larissa Dias

**Equipe Editorial**

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Jéssica Dias

Ilustração da Capa: "Narcissus", Yves Magnenat

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2021, Junho, World Wild Web

**Colaboram Nesta Edição:**

Marcos Ferreira-Santos, Rosângela Filippo, Rosangela Corrêa, Vitor Filippo, Julio Ito, Maria Núbila Barbosa, Andreia Morgam, Fábio Gimovski, Yves Magnenat.

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados à seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta